

FEBRAP - FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA

IDH - INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

IMED – INSTITUTO MERIDIONAL/PASSO FUNDO

FORMAÇÃO EM PSICODRAMA – NÍVEL I

**MATRIZES DO DIVINO: UMA VIVENCIA DO “BRINCAR DE DEUS” E SUAS
RESSONÂNCIAS NO PAPEL DE PSICODRAMATISTA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Jackson Wagner Severo Peres

Porto Alegre, RS, Brasil.

2018

JACKSON WAGNER SEVERO PERES

**MATRIZES DO DIVINO: UMA VIVENCIA DO “BRINCAR DE DEUS” E SUAS
RESSONÂNCIAS NO PAPEL DE PSICODRAMATISTA**

Monografia apresentada ao Curso de
Formação em Sociopsicodrama – Nível 1,
do Instituto de Desenvolvimento Humano de
Porto Alegre (IDH), filiada FEBRAP, como
requisito para obtenção do título de
**Especialista em Sociopsicodrama e
Psicodramatista com Foco
Psicoterapêutico**

**Orientadora: Prof^ª. Dra. Júlia Maria
Casulari Motta**

Porto Alegre, RS, Brasil.

2018

Jackson Wagner Severo Peres

**MATRIZES DO DIVINO: UMA VIVENCIA DO “BRINCAR DE DEUS” E SUAS
RESSONÂNCIAS NO PAPEL DE PSICODRAMATISTA**

Monografia apresentada ao Curso Formação em Psicodrama – Nível 1, do Instituto de Desenvolvimento Humano de Porto Alegre (IDH-RS), como requisito para obtenção do título de Especialista em Sociopsicodrama e Psicodramatista com Foco Psicoterapêutico

Aprovado em 09 de abril de 2018:

Júlia Maria Casulari Motta,

Psicodramatista Didata /Orientadora

Marta Correa Lopes Echenique,

Examinadora/ Psicodramatista Didata Supervisora

Maria Elizabeth Gastal Fassa,

Examinadora/ Psicodramatista Didata

Porto Alegre, RS

2018

Que farás tu, meu Deus, se eu perecer?

*Que farás tu, meu Deus, se eu perecer?
Eu sou o teu vaso - e se me quebro?
Eu sou tua água - e se apodreço?
Sou tua roupa e teu trabalho
Comigo perdes tu o teu sentido.*

*Depois de mim não terás um lugar
Onde as palavras ardentes te saúdem.
Dos teus pés cansados cairão
As sandálias que sou.
Perderás tua ampla túnica.
Teu olhar que em minhas pálpebras,
Como num travesseiro,
Ardentemente recebo,
Virá me procurar por largo tempo
E se deitará, na hora do crepúsculo,
No duro chão de pedra.*

*Que farás tu, meu Deus? O medo me
domina.*

(Rainer Maria Rilke)

(Tradução: Paulo Plínio Abreu)

RESUMO

A questão do “brincar de Deus” é vista aqui como cerne da experiência psicodramática. Reconhece o homem como co-criador no fluxo entre a fantasia e a realidade. Inicia-se por uma abordagem autobiográfica como um caminho que levou a este estudo. Segue a definição do campo psicodramático e sua metodologia como um território para a investigação do ser humano enquanto co-criador e elucida-se a questão da metapraxis, em contraste com a metafísica entendida no contexto da Filosofia. Elucida-se, então, algumas das conservas culturais advindas do campo teológico/filosófico que poderiam bloquear uma contextualização mais aberta do tema. Seguem três capítulos em que busco o sentido do divino em Moreno, com uma leitura crítica de “As Palavras do Pai”, seguida de uma reflexão sobre o papel do existencialismo e finalmente com uma reflexão sobre a importância da psicoterapia de grupo como elemento transcendente, utilizando uma metáfora existencial extraída de Samuel Beckett. Na segunda parte, investigo as repercussões do que denominei “matrizes divinas” no meu papel de psicodramatista. Escolho o deus Dionísio e faço um estudo vivencial a partir da experiência da arte (pintura e poesia) e da dramatização, que resulta em uma investigação axiodramática. Concluo a monografia avaliando-a positivamente como um processo de ampliação de questionamentos sobre a psicoterapia e da socionomia de um modo geral.

Palavras-chave: Psicodrama; espiritualidade; formação em Psicodrama; axiodrama; Dionísio

ABSTRACT

The question of "playing God" is seen here as the core of the psychodramatic experience, recognizing man as co-creator in the flow between fantasy and reality. It begins by an autobiographical approach as the path that led to this study. Start with the definition of the psychodramatic field and its methodology as a possible territory for the investigation of the human being as co-creator and elucidates the metapraxis question, in contrast to the metaphysics understood in the context of Philosophy. After, I investigate some preconception coming from the philosophical field that could block a more open contextualization of the subject. So, there are three chapters in which I seek the meaning of the divine in Moreno, with a critical reading of "The Words of the Father", followed by a reflection on the role of existentialism and, finally, with a reflection on the importance of group psychotherapy as a transcendent element, using an existential metaphor extracted from Samuel Beckett. In the second part, I investigate the repercussions of what I have called "divine matrices" in my role as psychodramatist. I choose the god Dionysus and make a study of the experience of art (painting and poetry) and dramatization, which results in an axiodramatic investigation. I conclude the monograph evaluating it positively as a process of expanding questions about psychotherapy and socionomy in general.

Key-Words: Psychodrama; spirituality; training in Psychodrama; Axiodrama; Dionysus

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A QUESTÃO DO “BRINCAR DE DEUS” NA CONSTRUÇÃO DO PAPEL DE PSQUIATRA PSICODRAMATISTA.....	12
3. O “BRINCAR DE DEUS” FUNDARIA UMA RELIGIÃO PSICODRAMÁTICA?.....	26
4. REALIDADE SUPLEMENTAR E METAPRÁXIS: EM TORNO DA METODOLOGIA PSICODRAMÁTICA.....	31
5. REFLEXÕES BREVES SOBRE PSICODRAMA, ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA DA RELIGIÃO: DIFICULDADES TEÓRICAS NO ‘BRINCAR DE DEUS’	38
6. AS PALAVRAS DO PAI: UM LIVRO FUNDAMENTAL.....	44
7. O EXISTENCIALISMO EM MORENO E A EXPERIÊNCIA DO DIVINO: A ENCARNAÇÃO.....	51
8. A EXISTÊNCIA PRISIONEIRA: A FOME DE ATOS E O SAIR DE SI	55
PARTE II	
9. O BRINCAR DE DEUS: O DEUS “EU SOU”	61
10 . PSICODRAMA DE DIONÍSIO.....	65
10. 1 . AQUECIMENTO 1 POESIA	65
10. 2. AQUECIMENTO 2 - TRABALHO EM TINTA ÓLEO SOBRE TELA	71
10.3. DRAMATIZAÇÃO : A MÁSCARA DE DIONÍSIO	74
10.4. COMPARTILHAR	85
10.5. PROCESSAMENTO.....	89
11. CONCLUSÃO.....	97
12. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um estudo monográfico que constitui requisito para obtenção do título de especialista em Sociopsicodrama e Psicodramatista com Foco Psicoterapêutico, parte de um ciclo de formação de três anos. O curso de formação em Sociopsicodrama Nível I foi realizado no Instituto de Desenvolvimento Humano – IDH, na cidade Porto Alegre, instituição pertencente a FEBRAP e com convênio com IMED-SUL/MEC.

Optou-se por uma escrita em primeira pessoa pela compreensão de que sua elaboração faz parte do processo formador e de integração do próprio papel de psicodramatista, compreendendo um saber que deve tornar-se “corpo vivo”, existencial.

O percurso que leva-me a escrita sobre o tema do “brincar de Deus” surge de um contexto pessoal e sócio-histórico específicos. Primeiramente, descrevo um pouco da minha biografia e como as minhas narrativas foram se inter cruzando com os temas morenianos. Dirijo-me, então, ao horizonte da historicidade que me questiona, das questões que foram se colocando sobre o tema, incluindo questionamentos metodológicos e os próprios limites da minha investigação neste momento.

Utilizo o termo “brincar de deus” como uma referência ao momento em que o menino Jacob L. Moreno, descobridor e pai do Psicodrama, propõe uma brincadeira com outras crianças, onde assumia o papel psicodramático de deus e criava o mundo, mesmo que caindo e quebrando o braço.

A meu ver, essa brincadeira esboça o que a questão do divino pode representar para a minha prática do Psicodrama e qual seria sua ressonância na concepção antropológica que Moreno percorre em sua obra. A ideia de que somos “deuses” (“gênios”) em potencial, cada homem aqui-e-agora, como ele explicita em “As palavras do Pai”, guia-me para um estudo psicodramático de uma teogonia, de uma teurgia e de uma teodiceia individuais e de toda a humanidade através do teatro espontâneo.

Entretanto, longe de uma busca de verdades absolutas penso que há no Psicodrama a possibilidade de aceitar, a partir do gesto criador de cada homem, uma realidade pela qual ele é responsável através de suas escolhas, um co-criador.

Penso que, ao existir, o homem expande o ser rumo ao desconhecido, desvela que o ser é liberdade na espontaneidade e o realiza em sua finitude pelas escolhas éticas de cada dia. Não há uma escatologia psicodramática: ordem e caos parecem sempre habitar o horizonte do ser. Neste contexto, considero que ser divino não significa apenas tornar tudo possível, mas também poder estar disposto ao encontro com a mais esplendorosa beleza e com a mais terrível abominação.

Decidi “brincar de deus”, ter esse diálogo com o divino, utilizando um caminho através da arte. Conforme a minha experiência, penso que a arte, após o estado de aquecimento, é um canal de acesso ao ser, a sua verdade mutável, que surge a partir do momento. Para acessar o papel psicodramático de um deus, utilizei o recurso da poesia, da pintura e da própria dramatização, visando como processo uma inversão de papel.

Parto de uma premissa de que há algo transcendente no mundo e no homem que se manifesta a partir de experiências vividas e que não se confunde com o domínio exclusivamente pessoal. Também, concebo o processo vivido tão importante quanto o produto final, pois este, segundo meu ponto de vista como psicodramatista, se não for entendido como momento, torna-se uma conserva cultural rígida, uma cristalização no ser.

Na sequência desta monografia, apresentarei no primeiro capítulo uma abordagem autobiográfica que remete a minha necessidade de investigar as questões espirituais e simbólicas desde o meu tempo de formação médica. Em seguida, no segundo capítulo, busco compreender como Moreno foi definindo o campo psicodramático e sua metodologia como um território possível para a investigação do ser humano enquanto gênio co-criador da realidade.

No terceiro capítulo, remeto a questão do entendimento psicodramático da experiência da realidade e sua concepção de Metapraxis, em contraste com a Metafísica entendida no contexto da Filosofia.

A partir disso, no quarto capítulo, busco compreender algumas das possíveis conservas advindas do campo filosófico que poderiam bloquear uma contextualização psicodramática contemporânea do tema. Percebo assim, a partir de um breve estudo da questão antropológica, a permanência de um conflito entre a religião e a ciência e uma fonte possível do apagamento do divino como transcendente na trajetória final do humanismo.

Seguem mais três capítulos, onde busco o sentido do divino em Moreno. No quinto capítulo, faço uma leitura crítica de “As Palavras do Pai”. No sexto capítulo, busco reconhecer a importância de um posicionamento existencial num estudo de Psicodrama e espiritualidade, da relação entre corpo e história vivida, “ser incorporado”.

Por último, no capítulo sete, reconheço a importância do grupo como fundamento transcendente e a psicoterapia de grupo como uma resposta ao problema espiritual do homem ensimesmado e depressivo, “o manicômio do crânio” como explicitarei, usando uma metáfora existencial que descrevo a partir da obra de Samuel Beckett.

Na segunda parte, utilizando a metodologia psicodramática explicitada na primeira parte, inicio um trabalho de investigação das repercussões do que denominei “matrizes divinas” no meu papel de psicodramatista. Escolho para estudo o deus Dionísio e faço um estudo vivencial a partir da experiência da arte e da dramatização, que resulta em uma investigação axiodramática. Percebo então, um processo de ampliação dos meus questionamentos e postura diante da psicoterapia e da socionomia de um modo geral.

Por último, concluo o presente trabalho com minhas percepções do processo formativo e a importância do Psicodrama no contexto geral e brasileiro. Segue, por fim, as referências bibliográficas, que basicamente são os livros de Jacob L. Moreno com os quais dialogo ao longo de todo o trabalho

2. A QUESTÃO DO “BRINCAR DE DEUS” NA CONSTRUÇÃO DO PAPEL DE MÉDICO PSIQUIATRA PSICODRAMATISTA

Sou formado em Medicina e Psiquiatria na UFSM, com uma formação tradicional e que praticamente não se ocupa de questões grupais e sociais, e muito pouco do universo do imaginário e da criatividade. “Estranho no ninho”, como parece ser o tom da minha matriz de identidade, também me sentia um pouco perdido durante a graduação.

Percebo-me como alguém que quando permite se perder, encontra-se consigo mesmo em construção, vive uma perturbação e muda. Fui aos poucos reconhecendo-me como híbrido, transdisciplinar, esquisito, diferente, advogado do diabo, gay, gênio em potencial, psiquiatra que vê saúde na loucura e doença na normalidade e sinto que isso faz com que eu seja capaz de romper algumas barreiras e propor novas perguntas em meus estudos. Aprendi, com muita luta, que afirmar a diferença é o começo do diálogo.

Hoje também reconheço o quanto uma forma definitiva me incomoda. Mas, também sei que o desconforto é uma força de nascimento que ajuda no parto de mim mesmo. Com o psicodrama, aprendi que o parto é o momento mais glorioso da vida, que não há nada de traumático nele.

Questionava enquanto adolescente e jovem adulto, pois entrei com 17 anos na faculdade, o que era o saber médico e que uso eu poderia fazer dele depois. Aos poucos, pude compreender que meu processo poderia não ser o que a conserva cultural ensinava e que a Medicina é uma ciência bastante ampla, contendo muitos vértices compreensivos para a existência humana.

A vida é feita de encontros e desencontros. Conheci um personagem fundamental, meu professor da extinta cadeira de Antropologia Médica, Dr. Stephan Bulowski, filósofo vindo da Polônia e que fazia a pergunta que eu mais procurava na época “o que é o Homem”? Fui para a Medicina deslumbrado pelo mistério da vida desde o começo, mas sentia falta de algumas dimensões da existência que para mim a biologia não conseguia suprir.

Ele via com suspeita meu interesse pela sua disciplina e o fato de que minhas avaliações serem carregadas de citações de filósofos e poetas. Um dia ele me disse: “Menino, se tu queres ser médico, tu serás um médico muito diferente. Tem certeza que estás no lugar certo”? Então começamos uma amizade, ele me apresentou Husserl e a Fenomenologia, ouvi de Heidegger, das leituras polonesas de Kant e Fichte. Ele me mostrou que existia algo chamado “intersubjetividade”... “procure isso na quinta meditação cartesiana de Husserl”. Ensinava Husserl dizendo-me sobre a “crise da humanidade européia”, da teoria que afirmava um “mundo-da-vida”, um *Lebenswelt*, um novo caminho. Depois compreendi que era o jeito de dizer-me que o outro existia e que a existência vivida que me acontecia diante dos olhos tinha valor.

Gratidão não consegue expressar o que foram estas portas abertas por esse professor. Sempre me soou estranho um saber científico que parecia desconectado da realidade cotidiana. Não consigo conceber a ideia de estudar um corpo sem história, um modelo, um corpo ideal supostamente igual a todos os outros.

Foi então que conheci um médico tão estranho quanto eu gostaria de ser, Sigmund Freud. “Leia o ego e o id, menino”, disse o professor Stephan. Freud era o que eu procurava no meio de tudo aquilo, o médico que queria ouvir o que não era dito e ver o que não era mostrado. Freud estudou o ser humano conflitivo, angustiado, adoecendo de suas próprias questões existenciais, cheio de fantasias, de amor e de destruição. O homem freudiano era um homem que andava na rua, se dilacerava por amor, se perdia nas próprias memórias atuadas fora de contexto. Eu me encontrava na leitura de Freud, havia saído de um Colégio Militar e sofrido repressões do corpo ao pensamento, então, a coragem e a complexidade com que ele falava de tudo me enebriava.

Nesta época, o pessimismo freudiano foi um elixir para o excesso de platonismo ingênuo que recebia nas aulas de “humanização” da medicina. Nietzsche me abria os olhos para o terror do humanismo, enquanto na faculdade de Medicina escutava frases feitas, clichês de efeito que me enchiam

de tédio. A conserva quando se cristaliza é algo que me deixa profundamente aborrecido e me desliga de onde eu estou.

Naqueles dias de uma adolescência que quase se perdeu na depressão, eu havia descoberto que mesmo nas trevas profundas também há luz. Encontrei novas esperanças, abrindo novas portas e fazendo novos vínculos.

Freud havia me tocado, mas não tanto. Anos mais tarde, ao atender alguns clientes, pude entender isso cada vez melhor. Freud tinha um ateísmo que me soava birrento e infantil. O divino em Freud estava apodrecido e o meu era cheio de vida, mesmo que angustiado e pouco reconfortante. Eu já havia passado por algumas experiências espirituais e tinha força para dizer que não era uma questão com o meu pai, não que não as tenha, mas era uma grotesca simplificação. Eu percebia que em alguns casos era óbvio que a religião tinha muito da questão edípica e da sugestão hipnótica das massas e se tratava de “o futuro de uma ilusão” como Freud o percebera. Entretanto, entendia que a espiritualidade não se esgotava nos temas de uma psicologia materialista.

Foi então que fui apresentado ao “Eu e Tu” de Martin Buber, aos meus 18 anos. O encontro com o professor Stephan ainda não havia terminado. A resenha deste livro foi o trabalho do semestre de Antropologia Médica e eu era o único que lia empolgadíssimo cada trecho do livro, tão poético, fascinante, vivo. Meus colegas na quase totalidade detestaram e acharam filosófico demais. Eu não havia feito Medicina para aguentar a ignorância de alguns professores que pareciam nunca terem aberto um livro que não fosse de alguma técnica médica. Para mim, conhecer “Eu e Tu” era essencial para se ser um bom médico, tanto quanto saber anatomia. Na época, eu achava que era meu narcisismo não tratado. Hoje, acho engraçado e me dou razão, percebo que não precisava ter tantas vezes abaixado minha cabeça, nem me justificado por perceber as coisas diferentemente.

Então eu me deparei com a grandeza do pensamento existencial de Buber e com ele descobri um “Tu eterno”, que me responderia se eu soubesse perguntar e tivesse ouvido suficiente para ouvir. Era a chance de sair da prisão que eu havia criado em torno do meu ego melancólico e isolado. Eu queria

muito sair da minha cabeça, que houvesse um diálogo ao invés de um monólogo sem fim, entre as autoridades e meu desejo de ser eu mesmo - eu buscava transcendência. Quem sabe eu não era um judeu sefaradita desgarrado do meu povo na minha origem misteriosa de “cristão novo”? Comecei a frequentar uma pequena sinagoga e conheci o esplendor do momento do *shabat*. Um simples raio de luz que entrava pela porta era vivido como a presença efetiva de Javé.

O Deus de Buber era parecido com a minha noção de Deus. Até hoje, sem me importar muito com as leis mosaicas, sou bastante “judeu” e graças a isso sobrevivi aos cadáveres sem história que a medicina quando desumanizada tentou me empurrar, sejam eles mortos ou vivos.

No Hassidismo, escola de pensamento judaica de Buber, concebe-se o viver com alegria como um doar-se com alegria. Nesta época, a Cabala caiu na minha alma inquieta dizendo: “ transformar o infinito desejo de receber em infinito desejo de dar e assim se igualar a D’us”. Pude autorizar a doçura que era poder estar com os outros com alegria, sem medo, sem ter a paranoia herdada dos anos de escola militar. A Restituição da Luz na Cabala de Isaac Luria de certa forma antecipava meus estudos sobre a espontaneidade no Psicodrama. A marginalidade do judaísmo e sua falta de proselitismo me facilitaram a identificação. No judaísmo que me interessava não havia idolatria, não havia bandeira.

Quanto a minha religião familiar, vindo de família católica, o cristianismo que recebi tinha um sentido cheio de dor, culpa e pecado e não consegui me identificar. Não via no meu corpo toda a sujeira que diziam ter na catequese. Vivi um tipo de “nihilismo nietzschiano”, estar no meio de uma missa e não sentir nada e sentir o mesmo na maioria das pessoas que estavam ali.

Aprendi na catequese coisas que não faziam sentido para o meu mundo, achava aquele deus cego e fora de contexto, meio ridículo e insensível às dores do mundo e as minhas. Eu era uma criança esquisita que questionava tudo, e as respostas eram sempre fracas e eu bastante chato. Levei anos para descobrir a beleza de Cristo, a potência simbólica de sua mãe Maria (aprecio

muito a imagem de Nossa Senhora das Dores e da Soledade), sua bondade e amor. Descobri Cristo sozinho e bem longe das igrejas e de suas violências. Descobri em Bach e Vivaldi, nos antigos gnósticos e na contemplação de Thomas Merton, a beleza de um cristianismo que a religião institucionalizada nunca teve para mim.

Estava em busca de um deus que era um “Tu”, um outro real. Um deus que se mostra como “presença” é muito mais real, muito mais possível de existir. “Eu sou aquele que é”, este virou o nome favorito para o que hoje considero deus. “*Ehyeh asher ehyeh*”, assim se escreve a presença em hebraico, mas na minha opinião, é um deus que pode ser escrito em todas as línguas, é um deus do momento, do agora.

Minha pergunta sempre foi pelo outro, o que me desestabiliza, o que me motiva, o que me faz tremer nas minhas certezas, então a Psiquiatria foi se tornando uma escolha óbvia para mim. Fui o estagiário da Psiquiatria desde o primeiro semestre, deslumbrado com o primitivo da psicose, esta dimensão que habita todos nós. Fui o rato de biblioteca, com livros de humanas questionando o humanismo das verdades sobre o homem. Um “estranho no ninho”, mas muito livre na minha busca. Mesmo ao tratar da psicose, nunca pude deixar de observar as ressonâncias mitológicas nos delírios dos pacientes. Quando uma cliente vinha consultar coberta com o manto azul de Nossa Senhora da Conceição, pronta para cuidar de toda a humanidade (e pronta para internar mais uma vez), não podia deixar de sentir o enorme Amor que a doença também expressava.

Durante a faculdade, conheci o trabalho de Carl Gustav Jung. Esse autor virou meu amigo de muitas aventuras, contou-me sobre os primeiros cristãos, a perseguição aos gnósticos ao longo de toda a história, a riqueza dos símbolos alquímicos, o poder dos arquétipos dilacerando os homens que se acham donos de suas cabeças. Jung forneceu uma perspectiva psicológica para falar sobre temas espirituais, com sua erudição brilhante, outro exemplo do que eu poderia tentar ser. Jung era muito mais saudável que Freud, menos medroso, menos dogmático, mas mais platônico. Mudei essa minha opinião após ler seu

Livro Vermelho, que mostrou-me um teórico muito mais interessante e nada platônico, de certa forma parecido com o trabalho que me propus aqui.

Meu deslumbre junguiano durou até o início da residência em Psiquiatria. Meus supervisores eram todos com formação freudiana e os grupos de estudo a que tinha acesso também, pude compreender melhor as teorias e aprendi muito com todos eles. Mas, a Psicanálise também começou a me desagradar. Ela se propunha uma ciência que não trabalhava com a ideia do divino ou da religião em si, apenas como um derivado pulsional-edípico, minha necessidade era um caminho fenomenológico.

Nunca consegui estudar Psicanálise sem conectá-la com outros aspectos da cultura ocidental. Estudar Melanie Klein e ver nela um cristianismo sombrio adaptado e culpógeno era muito óbvio para mim: o Bem e o Mal, a culpa por ser mau, a remissão dos pecados quando se faz a reparação do objeto, o ser humano como um ser menor e violento desde que olha o mundo, a tal “inveja primária”. Eu vivia cercado de kleinianos e por vezes eu achava engraçado, mas a maior parte do tempo, achava triste que inteligências tão brilhantes se apegassem a um modelo tão simplório do funcionamento psíquico.

Jacques Lacan também me pareceu um teórico interessante. Eu amava suas teorias sofisticadas e a sua linguagem hermética, e acabei participando de um grupo de estudos durante dois anos. Lacan falava do outro, mas aos poucos fui entendendo que falávamos da violência abstrata hegeliana, de estruturalismos sufocadores da própria possibilidade de alguém mudar, sem contar seu cristianismo patriarcal e o inconsciente estruturado como linguagem (acho que o dogma lacaniano mais difícil de se processar a luz da clínica contemporânea). Tanto Melanie Klein quanto Lacan eram escancaradamente religiosos e dogmáticos, no meu ponto de vista. E ainda, me indignava que o pobre Jung, o mais livre, sincero e original de todos para pensar os fenômenos psíquicos junto com Freud, era tachado de psicótico e religioso demais.

As coisas melhoraram quando conheci a obra do psiquiatra indo-inglês Wilfred Bion. Para mim, Bion foi um pioneiro em soltar as rédeas da mente na

Psicanálise, o que faz com que muitos o critiquem como um psicótico que escreve desvarios. Bion ainda me incomoda porque não consigo ver a loucura e a sanidade como uma luta, mas como uma coexistência. Acho que nele ainda há bastante de sua mestra Melanie Klein, por mais que ele tenha bebido dos modelos indianos e místicos cristãos. Bion trouxe consigo a categoria do provisório que nos permite teorizar o que chamou de um rumo a “O”, o Desconhecido. Meus parceiros, mais uma vez, não viam nada de espiritual nisso.

Por último, conheci a obra do analista que mais lembrava o jovem psiquiatra Jackson, Donald Winnicott. Ele foi um psicanalista que se permitia brincar, tocar nos clientes, criar na clínica sem medo das críticas dos ortodoxos, sem contar os textos recheados de ironias e duplos sentidos. Tanto Bion quanto Winnicott inspiram-me até hoje, considero-os gênios das ciências da mente. Entretanto, reconheço que Moreno responde melhor as mesmas perguntas que fiz a eles quanto à psicose, à teoria dos grupos, à categoria do momento e ao espaço entre a fantasia e a realidade.

Winnicott tinha a saudável maldade que não encontrava na Psicanálise mais tradicional. Há nos seus textos a genialidade do espontâneo e do deboche, a aposta na vida e a vivência de que a vida não se dá nem dentro nem fora, o que se chamou “espaço transicional”. Winnicott dizia que o corpo e o outro existiam e isso me aliviou muito. Para ele, somos seres psicossomáticos em relação e não o ser aprisionado em si mesmo da Psicanálise presa à representação que eu havia recebido.

Seguia inquieto com minhas questões. Sinto que a pior violência que a Psicanálise me causou não era tanto por boa parte da teoria que chegou a mim não permitir se ter um acesso a uma espiritualidade mais livre, mas de reprimirem a sexualidade, justamente seu tema mais nobre, com ar de ciência. Esperava encontrar na Psicanálise pessoas que se permitissem se apaixonar e viver a vida com menos neuroses e menos categorias. Encontrei muitas vezes o oposto. Descobri que as sociedades psicanalíticas tinham muitos que ainda tratavam os homossexuais como “perversos” e faziam “curas” mesmo depois de todo avanço da ciência, para mim um triste dogma.

Lutei muito dentro de mim para poder amar com liberdade. Ouvi, junto do meu namorado na época, sobre a sonhada “genitalidade” na descrição de uma respeitada psicanalista, o que segundo ela e seus livros amarelos, nós gays nunca teríamos. Imediatamente, seu preconceito fez eu desistir de pertencer a isso. Na época eu fiquei muito triste de ser colocado no mesmo balaio de zoófilos e pedófilos, mas hoje eu acho engraçado como alguém analisado ainda acreditava nisso.

É claro que nem todos os psicanalistas são assim. Hoje conheço muitos e tenho amigos que são pessoas muito livres e muito amorosas, que estão longe destes preconceitos caducos. Mas, sempre tenho medo que as laranjas podres do preconceito contaminem tudo, afinal, com teorias muitos justificam tudo. A Psicanálise ensinou-me que se pode chamar a norma de liberdade, e em nome de um cientificismo que só busca poder, adoecer muita gente.

Aprendi que como psicoterapeutas podemos contribuir para adoecer as possibilidades espirituais de nossos clientes e criar uma limitação para conosco mesmo se partirmos de preconceitos e teorias fundamentadas em uma metateoria e não na própria experiência. Hoje entendo a sexualidade com mais maturidade e penso que violar a possibilidade de um ser em desenvolvimento é um crime contra o ser. O respeito ao que é, para mim, é a espiritualidade no nível mais profundo, não apenas uma teoria.

Bom, o que fazer? Peguei minhas economias e fui para Buenos Aires estudar nas minhas férias da residência. Fui atrás de liberdade de pensamento e encontrei-me comigo mesmo. Sozinho em uma cidade gigante, fui atrás de duas pessoas que um analista havia me passado os contatos: Samuel Arbiser e Norberto Marucco.

Samuel Arbiser era uma pessoa calma. Fui recebido com um chá em seu consultório, discípulo direto de Pichon-Riviere, minha referência para o estudo da psicoterapia de grupos na época. Conversamos sobre grupos, levei minha experiência de CAPS AD e foi muito bom. Abriu as portas da instituição dele (AP de BA) onde pude aprender muito, ver que havia um outro jeito muito vivo de se estudar. Aqui no Brasil discutíamos se gays poderiam ter filhos, lá se

falava de fertilização in vitro, barriga de aluguel. Tive lá a mesma sensação quando me deparei com o Psicodrama e o jeito moreniano de ver as coisas, a sensação de que a vida flui e que o que importa é o futuro.

Norberto Marucco tinha um consultório muito legal, com quadros sombrios, que me deixaram assustado na chegada. É uma pessoa muito bem humorada, amoroso, responsável e muito humano. Se tornou meu supervisor até este ano, quando me senti pronto e fiz a escolha pelo Psicodrama. Aprendi muito. Discípulo de André Green, de uma psicanálise contemporânea complexa e viva, ensinou-me a ler um outro Freud.

Conheci com ele o Freud da virada de 1920, das questões da pulsão de morte, da compulsão à repetição, das questões da realidade exterior, da alteridade, da cisão do eu nos processos de defesa. Aprendi com ele sobre o mecanismo de defesa da “desmentida”, muito além do inconsciente clássico da repressão. Na desmentida, o sujeito aceita e não aceita, ao mesmo tempo, a realidade, coisa que me soou muito familiar ao ouvir no psicodrama sobre a “brecha entre a fantasia e a realidade” questionando os limites da representação.

Marucco ensinou-me uma Psicanálise ligada a Edgar Morin, à teoria da complexidade, onde vários tipos de funcionamento mentais aparecem simultaneamente e o olhar do observador, a “mente do analista”, se posiciona para observá-los. Reinventei com isso meu jeito de trabalhar, mais rico e menos rígido, às vezes muito psicodramático como pude perceber ao longo da formação.

Voltei para a residência médica e era o tempo de escrita da monografia de conclusão da residência. Eu só sabia que queria trabalhar com os “estados limites” da Psicanálise Contemporânea. Minha supervisora, Dra. Miriam Haubolt, topou orientar-me e mergulhei na obra de Winnicott com essa virada à francesa de André Green. Escrevi sobre o “medo do colapso”, uma reflexão sobre a temporalidade, a presença do terapeuta, o *après-coup* freudiano e os novos modelos do inconsciente, tudo dentro da teoria do brincar de Winnicott. Aqui se ensaiava o psicodramatista que nunca havia ouvido falar em Moreno.

Costurar a psiquiatria biológica da residência médica, que no máximo conseguia um diálogo com os modelos de psicanálise mais estruturalista como a de Otto Kernberg, que eu percebo como ultrapassados, foi muito estimulante.

Aprendi a me aceitar como um “híbrido” no meu papel de médico e hoje assumo que tenho uma abordagem transdisciplinar. Penso que o ser pode habitar um “espaço transicional” onde as coisas são e não-são ao mesmo tempo: isso não me enlouquece, isso me tranquiliza, me abre novas possibilidades de ser.

No momento em que li o conceito winnicottiano de “espaço transicional”, que na verdade são temporalidades e potências e não “espaço” em si, achei o lugar onde o meu deus poderia morar. Secretamente, guardei para mim que meu “verdadeiro self” tem um lugar onde o silêncio é absoluto (a “incomunicabilidade saudável” que descreve Winnicott), e que este lugar está muito vivo dentro de cada vida. Era importante um jeito de dizer as coisas que não soasse platônico e ainda fosse útil para a minha vida e o meu trabalho. Hoje o conceito psicodramático de espontaneidade responde melhor a essa minha necessidade.

Anos depois, concluído o contato com a Psicanálise, tentei voltar para Carl Jung e a questão da espiritualidade. Percebi, no meu ponto de vista, que havia nele vários aspectos que agora me incomodavam. Via nele uma rigidez com o uso de certos termos arquetípicos e uma herança ligada a conceitos de raça, sexo e história, que até podem ser curiosas de se reconhecer, mas que transmitem uma ideia de permanências no ser. A meu ver, este platonismo pode vir a impossibilitar o reconhecimento de uma alteridade que é sempre surpreendente.

A espiritualidade do homem Carl Gustav Jung me fascina até hoje. Comovo-me ao ler seu “Livro Vermelho”, mas não gosto da “espiritualidade junguiana” de seus discípulos, que categoriza tudo e troca a singularidade da experiência pessoal por um conceito psicológico abstrato, às vezes por demais ligado a representação, exatamente o que Jung era contra.

A falta de movimento no ser, como percebia em algumas concepções junguianas, veio depois a ser preenchida para mim pela ação psicodramática e pela catarse de integração. Houve, assim, o reconhecimento da importância muito mais do processo do que por uma revelação de um significado final descoberto.

Na época, eu já estava deixando de ser um caçador de significados ocultos, descoberto a beleza na superfície, na vida que me acontece, nos beijos que dei, na sopa que me aqueceu, na mão que se estendeu para me levantar quando eu caí. “Deus” estava no mundo e dentro de mim, mas não escondido envergonhado dentro da minha mente.

Então, em um dia em que me sentia entediado, fui procurar livros diferentes em uma livraria e encontrei a autobiografia de Moreno. Sou apaixonado por biografias e na contracapa falava de um homem que “brincava de Deus”, o pai do Psicodrama. Eu havia apenas ouvido falar em Psicodrama, mas achava que era algo que não existia mais no nosso meio. Um dia havia aberto um livro de Moreno na biblioteca da UFSM e só lembro dos sociogramas e como aquilo havia me parecido tão pouco interessante. Comprei a biografia e fui ler, encontrei um homem extraordinário. A alegria e a megalomania dele logo me fascinaram.

Encontrei em Moreno um psiquiatra que não tinha medo de falar que é possível o homem viver melhor e não aceitava o modelo cartesiano de subjetividade, a separação mente-corpo e as classificações que não serviam mais a minha forma de entendimento dos fenômenos psíquicos. Logo comprei o livro preto “Psicodrama” e fui invadido pelo gênio de Moreno. Li sem parar. Havia um psiquiatra que era existencialista, religioso mas não dogmático, extremamente erudito, mas não desconectado da realidade. E mais, ele usava o teatro, a arte que eu amo tanto e que tantas vezes foi desestimulada ao longo da minha vida. E mais, eu não deveria ser como ele, mas ser o próprio protagonista.

Ao ler um pouco de Moreno, eu havia encontrado uma voz no século XXI. Ele falava em “momento”, enquanto os ditos contemporâneos ainda

falavam em estruturas e narrativas. Moreno dilacerava as conservas cristalizadas de seu tempo, mas que ainda são as nossas. As categorias platônicas que tanto me incomodavam na psiquiatria americana e na psicanálise clássica, que tem seu valor mas tendem a uma totalização do pensamento, para ele não faziam sentido. Não era multiplicar tudo por menos um, era fazer tudo diferente. O meu sonho moreniano começou.

Mande um e-mail para a psicodramatista Marta Echenique, diretora do IDH, instituto que fica quatro quadras da minha casa onde há formação em Psicodrama. “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece”, assim a Marta me disse tempos depois. Começava em 3 semanas. Que coragem que eu tive! Nunca havia visto um psicodrama e decidi começar uma formação. Não tinha um grupo, a Marta apostou em mim, como sempre. E quem foi mencionado na primeira aula? Martin Buber. “Eu e Tu”. Ainda me arrepio de pensar em tudo isso. Fui acolhido como sempre: um estrangeiro. Um psiquiatra no meio de psicólogos. No momento, ainda sou o único psiquiatra em formação no Rio Grande do Sul. Mas desta vez foi diferente e por isso as coisas mudaram: recebi o olhar que busquei a vida toda, o olhar de reconhecimento e pertencimento. Reconhecer a diferença é essencialmente moreniano.

Por me permitirem a alteridade, hoje me sinto tranquilo de escrever esta monografia sobre algo tão difícil de se falar no meio médico. Talvez alguém pudesse pensar que eu falaria de neurociência, mas penso que meus nove anos de formação médica já foram suficientes. Sigo em busca do outro, do que me desestabiliza, do amor pelo diferente. Acho importante ressaltar que aprecio muito os estudos biológicos, a psicofarmacologia e suas inovações moleculares, mas que não entendo a Psiquiatria limitada a isso. Então, sigo em busca do “Tu” eterno, do diálogo, de como abrir a gaiola da minha mente para ouvir a presença e responder a ela.

Ao longo das minhas leituras de Moreno percebi que ele dialoga com três matrizes do divino: a grega, a judaica e a cristã. Algumas vezes fala em Buda, mas de forma muito limitada e preferi não adentrar nele, neste momento, nesta forma de estudar Moreno. Assim, temos um conjunto que se sintetiza, como a catarse estética do teatro grego e a catarse ética judaica, agregada a

corporificação explicitada pelo cristianismo. Como justifica Moreno, “ *dos antigos gregos conservamos o drama e o palco; dos hebreus aceitamos a catarse do ator. O espectador converteu-se, ele próprio, num autor*” (MORENO, 2013, p.39) e com isso, “*descobrir um meio pelo qual possamos cuidar dos fenômenos causadores de desequilíbrio, da maneira mais realista possível, ainda que permaneçam fora da realidade*”. (MORENO, 2013, p. 39).

Minha pergunta da relação do psicodrama com as tradições espirituais, como psicodramatista, foi se formando de uma forma nova. Li desde criança sobre as tradições espirituais do mundo todo, mas o psicodrama colocou-me em uma percepção nova: falar sobre algo não é experimentá-lo. Passei a perceber que o discurso nos ilude se não puder ser encarnado em uma prática ética coerente com ele, um **axiodrama**. Hoje, penso que não é protagonista de sua história aquele que teoriza sobre a vida e o ser, mas não os vive.

Quais as cores do meu deus quando eu “brinco de deus”? E quais as cores que os deuses conjurados por Moreno tem em mim? Quais valores carregam essas perspectivas sobre o ser e suas ressonâncias na ética enquanto axiodrama? Eis minhas questões.

O primeiro que me propus a estudar foi Dionísio, o deus do teatro, mas mais que isso, o deus destruidor do próprio teatro clássico ao longo dos séculos. Moreno rompeu com muitos paradigmas, mas percebo a do teatro como uma fundamental, em sua concepção de que os atores estavam representando papéis que não eram os deles, trazendo a crise do personagem como conserva. Como Moreno explicita, “*foi, provavelmente, a mais radical rejeição do teatro desde Sócrates e Platão*”, pois o teatro se pauta pela arte da mimese e “ *a dimensão essencial do encontro é o principio da antimimese*”(MORENO, 2006, p. 39).

A meu ver, há um radicalismo que se expressa neste ódio moreniano à repetição e à falsificação do ser em um teatro cristalizado e conservado. Quando olho o teatro e a arte contemporâneos em geral, onde os limites das formas de arte nem sempre existem, vejo que isso mudou muito: mimese e antimimese são uma dupla com o qual o próprio ator joga no palco. Assim

como, a plateia muitas vezes é tomada de sua posição passiva diante dos espetáculos, ou nem é plateia, é alguém passando na rua. Ou seja, Moreno é muito contemporâneo.

Se o mundo pode ser visto como um teatro, é preciso destituir o rigor da conserva cristalizada e retornar para um teatro antes do teatro como o conhecemos. Este território, a meu ver, é o território de Dionísio e seus mistérios, um deus que carrega consigo um status de estrangeiro em relação ao próprio Ocidente, entendido como o desenvolvimento da metafísica que culmina na categorização do ser. Dionísio seria o opositor ao que Moreno denomina a “sociedade da conserva”.

Começo por Dionísio e nomeio como “primeiro ato” porque compreendo que este parece ter sido um dos primeiros confrontos de Moreno no desenvolvimento da metodologia psicodramática e também do meu papel de escritor no contexto do Psicodrama. Moreno precisou mergulhar, desconstruir e depois construir um teatro que possibilitasse a ação de um ator-protagonista que representasse profundamente o papel de si mesmo no cenário psicodramático, visando exercer novos modos de ser na vida.

Escolhi dialogar apenas com os trabalhos de Jacob L. Moreno, que foi minha principal bibliografia da formação no nível I, embora tenha tido contato com vários outros autores psicodramatistas muito interessantes. Faço essa escolha como um desafio de integrar meu pensamento e de descobrir melhor o “meu” psicodrama moreniano.

A seguir, inicio por uma questão que julguei primordial, a de esclarecer o sentido deste trabalho. Ou seja, qual a finalidade de sua escrita e o cuidado devido ao se trabalhar com o tema da espiritualidade, para não se confundir o ambiente clínico com alguma seita institucionalizada.

Percebo uma das melhores virtudes do Psicodrama é sua postura aberta, isto é, a liberdade que a própria teoria da espontaneidade nos dá. A postura psicodramática nos previne do apego a certos valores e ao uso do teatro espontâneo como uma força moralizante, uma verdade previamente

imposta e que deve ser seguida por todos. Na manifestação da espontaneidade nunca sabemos qual será o fim de nossa investigação.

3.0 “BRINCAR DE DEUS” FUNDARIA UMA RELIGIÃO PSICODRAMÁTICA?

Enquanto elaborava como seria o trabalho, preocupou-me a pergunta de como poderiam ser recebidas as minhas inquietações. É comum que quando se veja um trabalho que fale em “divino”, logo venha a concepção de práticas alternativas, de que se quer fundar uma seita ou de um certo “guruísmo” que soaria muito contrário ao meu próprio projeto.

Busco o sentido do divino em uma perspectiva psicodramática aberta, de compreender o Psicodrama a partir de algumas fontes que o constituem, experiência que conduz à reflexão e vice-versa. Imagino a coragem de Moreno de falar em Deus e ao mesmo tempo percebo a dificuldade hodierna que o Psicodrama tem de se mostrar quando decide falar da divindade do homem como propõe seu criador no contexto das ciências.

Ao mesmo tempo, busco investigar a experiência do divino que habita em mim existencialmente. Percebo que esta experiência de abertura em mim se dá a partir do horizonte da arte, aqui representados pela poesia, pela pintura e pelo teatro. Assim como, reconheço a importância de um diálogo no horizonte da ciência, em busca de sentidos, em busca de ser um psicodramatista que vive aquilo que escreve. Para mim, o psicoterapeuta em seu ser é o maior instrumento para ajudar seu cliente, logo, conhecer a si mesmo é tarefa primordial e interminável.

Anteriormente, concebia meu trabalho como um aperfeiçoamento da mente e de novas formas de pensar. Entretanto a partir do estudo do Psicodrama passei a compreender um trabalho que se realiza em um corpo de terapeuta integrado em um ambiente, onde a compreensão teórica ocupa um espaço fundamental, mas não é o único vetor de sentido. Considero que a forma como a relação se transforma em busca de autenticidade e reconhecimento mútuo é o principal. Ou seja, acredito que a formação deve passar por uma incorporação do papel de psicoterapeuta, incluindo seu corpo e suas experiências vividas, dentre elas sua vivência da espiritualidade e o sentido do existir no mundo.

Trabalhar com a experiência e o sentido do divino em sua relação com o homem está impregnado do preconceito de dois mil anos de metafísica ocidental, para o bem e para o mal. Exemplo disso, seria um equívoco pensar que o que se problematiza aqui estaria em busca de uma “Verdade” maior e definitiva, que habitualmente seria representada com letra maiúscula. O divino no contexto psicodramático, como esclareço adiante, se dá no “como se”, na “realidade suplementar” que se mostra no “momento”, em uma temporalidade que se atualiza constantemente, sempre com um valor aberto e provisório. Ou seja, difere do dogma de fé e do conceito filosófico, não os nega, mas pertence a outro contexto.

A ideia de uma verdade a ser revelada no interior do ser é contrária a ideia de alma que Moreno nos propõe. Ele sugere *“conceber a alma como uma entidade que se cria e evolui a partir de milhões de pequenos começos. Assim, a alma não está no começo, mas no final da evolução”*. (MORENO, 2013, p. 26). A meu ver, este tipo de constatação alivia a concepção moreniana tanto de uma ideia de alma como um sufocamento do ser já acabado, e assim, evita o essencialismo.

Percebo que ainda há muitas terapias em busca de um “self” místico que seria muito mais profundo e verdadeiro que o próprio ser em sua totalidade e alteridade. A meu ver, essa visão conduz a psicoterapias em que o terapeuta por ser um suposto estudioso da “alma”, sabe mais do cliente que ele próprio. Nesta concepção moreniana, que retorna em outros textos, a “alma” se cria pelo ser humano como criador, onde imanência e transcendência andam juntas, no que Moreno chamará do deus EU SOU, como veremos adiante.

Encontro no Psicodrama Moreniano uma vastidão de temas e de formas de pensar o mundo. Percebo nele uma variedade de modos de habitar a realidade em cada leitura, é um texto em aberto. Moreno coloca o existir como um relacionar-se com o mundo, aceitar a constante mudança do ser, é não olhar para o mundo como algo acabado.

Seu fundamento antropológico de um homem que se relaciona com o transcendente, a meu ver, está presente em cada linha de sua obra. Moreno

não vê o homem no mundo como um acaso, vindo do nada e rumo ao nada, e ao mesmo tempo, abandona as narrativas humanistas de que o homem progressivamente estará melhor sem um esforço moral. Moreno é cético quanto ao progresso da ciência, não acha que ela levará o homem para um universo racional, organizado e próspero.

Em vez de reforçar esta autonomia e autossuficiência que a modernidade propõe, vemos no Psicodrama a prioridade da responsabilidade por si e pelo outro, uma Ética. Moreno se dá conta da complexidade do ser, não o aprisiona para caber em categorias fixas da metafísica da subjetividade.

A implicação última do homem estar diante da criação e assumir para si o ato criador é ser responsável por si, pelo outro e pelo mundo. Este “brincar de deus” na vida comum implica se relacionar e não em ter poder e dominar a realidade, implica em se relacionar com a realidade de uma forma diversa.

Penso que também há outro motivo para não usarmos o termo “religião” aqui. A interpretação corrente seria de religião como advinda do latim “*religare*”, como ligar algo que foi rompido, criar uma “nova aliança”, como propõe o cristianismo. Vejo que aqui Moreno provavelmente seguiria sua matriz judaica, onde o homem não precisaria se religar com o divino porque ele nunca foi separado dele.

Segundo Moreno, o que caracteriza o divino é a “total espontaneidade”. Considero a espontaneidade como potência, como o ser em *status nascendi*, o “ser sendo”, constituinte da vida. Posso imaginar um ser em que a espontaneidade esteja muito prejudicada frente à rigidez das conservas cristalizadas, mas se ele se mantém vivo, é sinal de que a espontaneidade persiste e pode manifestar-se.

Antes da conquista da autonomia, termo que parece reger as ilusões da modernidade e de sua apropriação da realidade como objeto de uso, vejo nesta questão do divino no Psicodrama a prioridade da ética, da responsabilidade no diálogo existencial, do ser em relação. Ou seja, há um respeito pela realidade, ela não é forçada ao domínio platônico das ideias, dos conceitos racionais ou de uma determinada verdade revelada. Alguma experiência da verdade pode

ter se dado ao longo de vários momentos da história, mas não tem utilidade se não puder ser atualizada e recolocada em uma situação existencial concreta.

Mas, em suas próprias palavras, se Moreno se sentia tão inspirado, muitas vezes mergulhado no messianismo e na profecia, por que não fundar uma nova religião? Por que a “religião do encontro” não seria suficiente para suas aspirações? Moreno responde:

“O motivo pelo qual escolhi o trajeto do teatro ao invés de fundar uma seita religiosa, dirigir-me a um mosteiro ou desenvolver um sistema teológico (embora tais alternativas não sejam mutuamente exclusivas) pode ser entendido dando-se uma olhada no contexto do qual decorreram minhas ideias (...) proclamava a existência de uma espécie de natureza primordial, imortal, e que retorna rejuvenescida, como um primeiro universo que contém todos os seres e no qual todos os eventos são sagrados. Eu gostava deste reino encantado e planejava não abandoná-lo jamais”. (MORENO, 1984, p.15)

Este “contexto” se refere a Moreno ser um homem da ciência, ter escolhido a Medicina e a Psiquiatria e carregar consigo uma metodologia que só poderia fazer uso desta ideia do contato com a “criação primordial” a partir de uma experiência pessoal. Entretanto, enfrentar o paradigma positivista de uma suposta objetividade, que separa sujeito e objeto, era muito problemática para sua época. Parece-me que encontrar a objetividade da subjetividade ainda é um desafio contemporâneo.

Assim como Freud partiu para sua famosa autoanálise que nos legou a Psicanálise, a experiência criadora de Moreno nos legou o Psicodrama. Moreno teve que lidar dentro de si com esta força explosiva e poderosa da criação, ter a experiência de ser repudiado e amaldiçoado em muitos lugares, tachado de louco. Enquanto alguns estudavam uma teoria da religião (como Carl Jung dentro da tradição kantiana do idealismo protestante, por exemplo), Moreno foi ser deus pelo mundo, existencialista. Para investigar este “espontâneo-criativo”, Moreno decidiu ser o cientista que realizaria a “*pesquisa da espontaneidade a nível de realidade*”:

“A diferença residia no fato de o novo elemento, o objeto de estudo, dentro do procedimento científico habitual, estar fora do cientista, não havendo a necessidade de ser criado por este, ao passo que, neste caso, eu presenciava a dupla tarefa de criar, de primeiramente produzir o elemento dentro de mim, de trazer ao plano concreto, por assim dizer, o tema subjetivo-objetivo e depois, isolá-lo e investigá-lo. Pensei nos profetas e santos do passado que evidenciavam a qualidade de exemplos os mais iluminados da criatividade espontânea e disse a mim mesmo: “ Eis o que você deve produzir em primeiro lugar e a você mesmo cabe corporificá-lo”. (MORENO, 1984, p. 16)

Assim, não se trata de uma nova religião, mas de colocar a experiência em um campo que permita sua investigação de uma maneira científica, ou seja, algo possível de ser repetido dadas as condições do experimento. Estas condições, aperfeiçoadas pelo psicodrama ao longo do último século, possibilitam um vasto terreno de estudo a partir da realidade suplementar do teatro e seus efeitos sobre a vida cotidiana.

A seguir, descrevo mais sobre esta realidade suplementar e o uso da metapraxis para o estudo da espiritualidade. Moreno vai postular um campo de estudo dos processos criativos vivos e a importância de se considerar o processo tão ou mais importante que o produto final.

4. REALIDADE SUPLEMENTAR E METAPRÁXIS: EM TORNO DA METODOLOGIA PSICODRAMÁTICA

A aquisição de estados psíquicos modificados a partir do aquecimento e da formação do campo relaxado permitem o desenvolvimento dos temas protagônicos dentro da realidade suplementar. Considero que o trabalho psicodramático só se realiza neste campo específico e é nele que pode habitar o Criador como um papel psicodramático. Ou seja, para mim parece importante que se consiga “brincar de deus” como um dos aspectos centrais da antropologia moreniana e do exercício do papel de psicodramatista. Sei que existem psicodramatistas que defendem seguir o Psicodrama sem o “brincar de Deus”, mas para mim é essencial.

Ao que parece, o homem sem a possibilidade desta abertura criativa na realidade torna-se um instrumento, ou ainda, “*a palavra mais popular para designá-los seria robôs*”(MORENO, 2008, p.337). Nestes termos, não se tornar um ser sem espontaneidade, seria o grande desafio do homem, daquele que “sobreviverá”, como Moreno postula em seus últimos trabalhos. Contrariando a ontologia ocidental tradicional que nos conduz a Metafísica e em última escala ao seu acabamento como o “esquecimento do ser” (como entendido por Heidegger e outros críticos) e de suas múltiplas possibilidades na racionalidade técnica, Moreno traz um termo novo: a “*metapraxis*”.

O impacto da *metapraxis* diz respeito não só ao mundo psíquico, mas a consideração sobre a realidade exterior, um jeito de ver o mundo e de elaborar a existência.

“A Metapraxis, porém, não é uma chave para a experiência, é a criadora desta, só é fora da experiência determinada, só é sem esta; é o locus do potencial do mundo. Existe antes que o mundo tenha começado e quando todo o mundo houver chegado ao fim, depois do mundo, após a sua extinção. Possui significado apenas para o não-criado e para o extinto; quando não existe ser, pensamento e questões, nada resta além da práxis dos criadores. Não é como a metafísica, cerne da ciência e do ser verdadeiros. Está dissolvida a polaridade e o contraste entre a coisa em si e o fenômeno, por um lado, ou entre os fenômenos e a criatividade, por outro. O caos após

o mundo (metapraxis) difere do caos antes do mundo apenas num aspecto, ou seja, o mundo deve ser conquistado e eliminado. A metafísica consiste em generalizações que se referem a todas as manifestações especiais da existência. Mas os conteúdos da metapraxis são somente os processos criativos. Estes não estão afetos a desenvolvimento , a causa e efeito, às regras da indução e dedução”. (MORENO, 1984, p. 48)

Tomei a liberdade de citar este longo trecho que me instiga algumas elaborações. A primeira delas, é a de que com isso Moreno questiona e provavelmente amplia o modelo de ciência, fruto da Metafísica, na relação causa e efeito. Ou seja, sugere uma modificação no método científico que ele mesmo pretende usar para o estudo da espontaneidade no “brincar de deus”, o estudo dos processos criativos em si mesmos. Observo com surpresa, ao ver aqui a antecipação do que contemporaneamente chama-se de “pós-modernidade” e o desafio da racionalidade de também lidar com a experiência vivida e não apenas o controle estatístico do campo de pesquisa.

O estudo da Criação, cuja essência é o estudo da espontaneidade, segue o fluxo da expressividade da vida, no “mundo-da-vida” da Fenomenologia. A ciência tradicional só pode se ocupar dos fenômenos, ao mesmo tempo em que a Metafísica propõe o ocupar-se da coisa-em-si (“*Ding an sich*”, em alemão, como Moreno costuma citar). Moreno nos guia para o espaço que não é nem isso, nem aquilo, é isso e é aquilo, tudo ao mesmo tempo, em uma noção de temporalidade distinta.

Essa temporalidade também é algo que julgo interessante. Essa criação se dá em um tempo que não é nem originário, nem escatológico. É um divino que é ruptura, é um retorno ao que era para ser outro. Moreno retorna as formas originais que lhe aproximariam de um platonismo para um efeito que cria a partir de uma destruição criadora. E mais que isso, como se refere a potência do ser, não é uma reciclagem, um reaproveitamento de pedaços de ser, ele propõe que existe a possibilidade da novidade no universo. O divino de Moreno *não é o deus que descansou no sétimo dia*, ele é o deus que cria, antes de qualquer tranquilização do ser: é potência, vontade no ser.

“O Verdadeiro Deus, tal como aparece em “As Palavras do Pai”, não parou de criar depois dos seis dias, para depois gozar de uma vida confortável, fazendo-se mais santo, sábio e intelectual, ao olhar de cima para baixo a terra, admirando sua obra. O verdadeiro Deus prosseguiu a sua criação e continua criando”. (MORENO, 1992, p.27)

Carregamos de nossa trajetória judaico-cristã a pressuposição escatológica de que haverá um fim para tudo o que existe, seja no terrível apocalipse cristão, seja na era de ouro do messias judaico. O futuro na perspectiva da metapraxis é algo que pode ser feito, trabalha-se com o não-criado ou com extinto, ou seja, o ser que não é acabamento. Essa categoria temporal é pura potência, não é ameaça nem promessa, é ação, ser sem começo, sem fim, sem cristalização, é processo:

“A polaridade entre realidade e ilusão é indispensável a metapraxis; a ilusão de um mundo real é igualmente tão importante quanto a realidade de um mundo ilusório. O triunfo mais elevado da imaginação e da criatividade é modificar a superfície do mundo de tal modo que ele pareça mais belo, independente de toda existência e de toda a dor que possam continuar existindo embaixo”. (MORENO, 1984, p 50)

A possibilidade deste território polarizado que permite uma vivência entre a fantasia e a realidade, é que torna a potência da metapraxis psicodramática tão poderosa. A partir dela, podemos adentrar em um território de uma certa presença do divino, sem nenhum pedido de autorização, porque o criador é dono de seu próprio mundo.

“Brincar de deus” torna-se um ato psicodramático possível porque essa brecha pode ser fechada, sem que se abra mão da realidade exterior. O palco da espontaneidade permite que o divino seja experimentado, sem que com isso sejamos abalados pelo juízo racional de uma consciência moderna atormentada pela racionalidade. Ao mesmo tempo, o campo psicodramático pode se abrir sem se perder em uma fé sem experiência, em um delírio psicótico ou na construção de uma religião cristalizada de qualquer credo.

Na realidade suplementar criada no contexto do Psicodrama tudo é possível, os deuses andam entre nós, cada um com o seu ou com os seus

deuses. Gostaria de usar o termo da crítica literária que me pareceu adequado no contexto de um estudo da relação entre Psicodrama e espiritualidade, em contraste com uma fé religiosa, trago a ideia de “the *suspection of disbelief*”, a “suspensão do desacreditar”, na experiência de uma “poetic faith”, uma “fé poética”.

Percebo a utilidade desse termo que indica que não se trata de uma fé, mas também não se trata de uma mentira. O termo é usado pelo fundador do romantismo inglês Thomas Coleridge, e me parece interessante pois no Psicodrama o que se vive no “como se”, não é apenas um ouvir sobre, é uma “fé poética”, uma espiritualidade no horizonte psicodramático. Retiro a seguinte citação do autor, como tradução minha:

*“... Foi acordado, que os meus esforços devem ser direcionados para as pessoas e personagens sobrenaturais, ou pelo menos, românticos, de modo a transferir de nossa natureza interior um interesse humano e uma aparência de verdade suficiente para obter para essas sombras da imaginação uma disposição de **suspensão da descrença para o momento**, que constitui a **fé poética**”**.

Moreno foi o pioneiro porque fez o “brincar de deus” misturado com o mundo, e imagino que às vezes lidou com a mesma reação que ainda se tem frente aos artistas que trabalham como performáticos. Li durante o trabalho monográfico a autobiografia de Marina Abramoviç e tantas vezes em suas descrições pude ver esse colocar-se subversivo da arte no real, o que me lembrou do destino de Moreno enquanto pesquisador frente a cultura daquela época e da nossa.

Moreno em sua experiência pessoal parece ter ido a tal ponto que por vezes sentia-se como um messias. Assim, foi julgado como alguém desequilibrado em sua experiência de “criar o mundo”, no mínimo um “maníaco”. Posso imaginar como foi difícil o desafio que se impôs e as dificuldades que deve ter encontrado.

Entretanto, ao ler sua obra, vê-se um transbordar de gozo e esperança frente a solidez fria das conservas. Há momentos de profunda genialidade em seus escritos, mas não encontrei em nenhum ponto algo que se inserisse no

campo do patológico ou de uma possível bipolaridade. Moreno simplesmente ri dos que colocam o homem como uma doença do ser.

Na minha concepção, Moreno possuía uma capacidade dramática muito intensa, era uma artista na vida, que contrastava com um modelo de arte (hoje já superado) onde o artista é um tipo de personagem recluso e onde a arte é meramente estética, sem poder de transformação social.

A arte contemporânea, nesse aspecto, parece ter muito de como Moreno via o seu trabalho. Imagino ainda como algumas pessoas mais conservadoras e com noções antigas do processo criativo ao lerem sua obra possam tentar patologizar seu modo de existência, eu mesmo senti um pouco isso quando comecei a estudá-lo.

Nós psicodramatistas, um pouco menos grandiosos, mas não muito, já recebemos isso mais elaborado. Utilizamos em um espaço definido, o cenário psicodramático, algo que fizemos surgir do aquecimento, dentro de um contexto definido, mas não menos complexo. Entretanto, penso que faz parte da formação do papel de psicodramatista também entrar em contato com esta grandiosidade do ser, de viver esta potência em si mesmo de alguma forma, pois o preparo pessoal do psicoterapeuta é essencial para a sua prática.

Esse espaço criador, o teatro da espontaneidade, é de uma natureza diversa do religioso porque não separa o sagrado e o profano. A espontaneidade nos guia para fora de qualquer ritualização da conjuração do sagrado, qualquer esquema que nos localize em um tempo determinado ou mítico. Na categoria do “momento”, do aqui-agora, tudo é possível, sem a distinção da ordem ou do caos, este deus pode fazer o que bem entender e talvez por isso possa ser melhor ouvido dentro de cada um de nós.

As tradições espirituais e suas diversas apropriações na historicidade podem nos dizer só o que já foi dito. Entretanto, pude experimentar dentro da experiência psicodramática que através da experiência da arte, o que eu sou mergulha no ser e o questiona, o atualiza e recebe uma resposta: não há passado quando um deus se manifesta e não há palavra dita que não possa ser mudada.

É baseado nisso que me permito realizar este trabalho. Não se trata de responder se o divino existe ou não. Também não é uma questão de simplesmente dizer que o divino só pode ser compreendido de um ponto de vista filosófico (Hegel, Kant), psicanalítico (Freud), psicológico (Jung) ou teológico. É um deus que se revela na natureza do próprio ser, que é histórico e ao mesmo tempo fluido no humano como potência do ser, espontaneidade. “*To be or not to be*”, não é mais a nossa questão.

Busco compreender uma trajetória a partir da minha leitura da obra moreniana e da minha espiritualidade para o enriquecimento do meu papel de psicoterapeuta psicodramatista. Trabalhar com o símbolo e não com o conceito, isso me parece fundamental em Psiquiatria. A questão entre o homem e o divino não pode ocupar um espaço metafísico, mas de uma antropologia e de uma ontologia que se revela no próprio espaço do “como se”, como realidade complementar que passa a habitar a própria teoria que orienta a prática.

A meu ver, é na suspensão do território que não é nem real e nem imaginário que o potencialmente homem-deus pode aparecer em seu caráter transgressor, “gênio em potencial”, aliado da vida e responsável pelo mundo, curador de si mesmo. Passo então, a buscar um criador espontâneo em uma sociedade a meu ver depressiva e por muitas vezes, mórbida.

Além disso, é dado a todos no Psicodrama o reconhecimento de sua “divindade”, tirando o terapeuta de seu lugar idealizado, trazendo qualquer homem para “brincar de deus”. Todos os participantes no Psicodrama são potenciais curadores do ser.

A espiritualidade é algo muito fundamental para ser colocada como algo para privilegiados socialmente, todo o homem tem direito a trazer para o mundo a sua voz e a diversidade profunda de sua existência. Moreno é sublime ao dizer:

“Líderes, profetas e terapeutas de todos os tempos sempre tentaram se fazer de Deus e impor aos pobres, ao homem comum, seu poder magnífico e sua superioridade. No mundo psicodramático viramos a

mesa. Não é mais o mestre, o grã-sacerdote, o grande terapeuta que incorpora Deus. A imagem de Deus pode tomar forma através de cada homem – o epilético, o esquizofrênico, a prostituta, o pobre e o rejeitado. Todos eles podem, a qualquer tempo, subir ao palco, no momento em que a inspiração chegar, dando sua versão do significado que o universo tem para eles. Deus está sempre em e entre nós, como acontece com as crianças. Em vez de baixar do céu, ele entra pela porta do palco” (MORENO, 2006, 35)

Entretanto, enquanto Moreno coloca o direito do ser humano acessar o divino, o campo da Filosofia do último século viu muitas vezes como negativo a possibilidade desta experiência, criando preconceitos que inviabilizam várias aproximações teóricas. Por isso, a seguir, revejo um pouco a trajetória da questão da relação homem-deus na filosofia humanista e as repercussões antropológicas do humanismo filosófico no último século, principalmente a negação da possibilidade da relação com uma realidade transcendente ser algo saudável e enriquecedora da existência.

5. REFLEXÕES BREVES SOBRE PSICODRAMA, ANTROPOLOGIA E FILOSOFIA DA RELIGIÃO: DIFICULDADES TEÓRICAS NO ‘BRINCAR DE DEUS’

O campo semântico dos estudos do sagrado é muito amplo e aos poucos fui me aproximando dele, é um assunto bastante delicado e apaixonante de se estudar. Achei um novo mundo para minhas futuras pesquisas junto ao Psicodrama. Entretanto, foi útil também para esclarecer possíveis dificuldades no estudo advindas de conservas culturais cristalizadas que parecem limitar o estudo da experiência dialógica com o divino, principalmente algumas limitações vindas dos paradigmas racionalistas e do materialista.

Para essa monografia, contextualizei meu objetivo com o estudo de um antropólogo da religião, Michel MESLIN (2014). Ele esclareceu-me sobre a historicidade da trajetória dos estudos hermenêuticos sobre a religião e o ponto que considera termos chegado hoje. Considera que a religião e a ciência ainda estão bastante irreconciliáveis, o que a meu ver forma um homem cada vez mais criatura de suas próprias criações. Preferi uma abordagem rápida que coubesse aqui, mas vejo nisso um assunto muito interessante de se estudar com mais profundidade. Achei sua síntese muito próxima das minhas reflexões.

MESLIN (2014,p.37) descreve uma trajetória que se inicia por Schleiermacher e sua hermenêutica religiosa protestante, momento em que o cristianismo se abre para uma leitura mais livre das escrituras. As teorias desse filósofo carregavam consigo a característica do protestantismo cristão e sua libertação das escrituras do domínio eclesiástico e se dirigia primeiramente para o afeto e depois para a relação individual com Deus, sempre através das escrituras consideradas sagradas e da consciência individual.

Na ideia de Schleiermacher , Meslin reconhece:

“ a relação do homem com Deus, em uma relação viva e vivida em cada vida em uma realidade existencial”, onde há uma “...copresença de Deus na consciência de si. Com ele, captamos a novidade libertadora de uma tal reflexão, que interioriza e individualiza a experiência religiosa, mostrando que os dois níveis de consciência

coexistem e se encontram em constante relação , e não em sucessão cronológica nem causal". (MESLIN, 2014, p. 37).

Essa presença de deus se dá no texto bíblico, mas percebo aqui uma interessante abertura para o ser enquanto afeto e não apenas linguagem.

Entretanto, ao mesmo tempo em que Schleichmacher traz o tema do afeto, se desenvolviam as ideias de Hegel sobre o Absoluto. Segundo Meslin, para Hegel e sua ideia de Absoluto,

"..a filosofia é o caminho que permite passar do exterior das representações à interioridade religiosa. Assim se afirma a vontade de Hegel de substituir a religião pela filosofia, e isso acaba por submeter Deus às exigências do homem. Já estamos em presença de um antropomorfismo levado ao absoluto". (MESLIN, 2014, p. 39)

Ou seja, em nossos termos, Deus passa para um domínio interpretativo totalmente cortical, elevado a um pensamento e distinto de uma possibilidade dialógica. Ou seja, incapaz de fazer a inversão de papel homem-deus. A tradição hegeliana é justamente a fonte que os existencialistas, notoriamente na figura de Kierkegaard e conseqüentemente Moreno, questionarão no final do século XIX e todo século XX.

Seguido de Hegel, vem Ludwig Feurbach. Este, segundo Meslin, destitui totalmente a questão da alteridade como propulsora da experiência religiosa. Para Moreno, o "brincar de Deus" só é possível graças a inversão de papel, sem alteridade isso passa a ser impossível. Feuerbach, citado por Meslin, afirma efetivamente que no fato religioso não existe outra realidade senão o homem: *"O homem é o começo da religião; ele é seu ponto médio e o próprio termo", escreve ele em 1841. Ele define assim o religioso de um ponto de vista estritamente antropocêntrico, fazendo desaparecer o próprio objeto de toda a religião, o divino" (MESLIN, 2014, p. 41).*

A meu ver, com Feuerbach o humanismo é conduzido a um tipo de negação do divino que exclui a possibilidade de seu estudo, numa ilusão de que ao se reduzir o divino a uma antropologia, o homem finalmente conquistaria sua autonomia total frente ao mundo. Pelo contrário, penso que

negar a possibilidade do divino conduz mais a uma limitação do contato com uma potência de vida que enriquece a existência humana.

Penso que antes de alienar a existência, o divino é a abertura ao outro que acaba por conduzir a consciência a um universo de perguntas que possibilitam a liberdade criadora, é um remédio contra a neurose. Não se trata de acreditar ou não, mas de não excluí-lo como categoria abordável do ser.

A ideia de que o divino sempre conduz a submissão, a meu ver, é tão errônea quanto vê-la como algo morto sem uma eficácia simbólica, que pode ser profundamente destrutiva na realidade exterior. Penso que mesmo quando falamos da “morte de Deus”, a eficácia simbólica do dito nietzschiano é aterrorizante até os dias de hoje, seja para o afeto, seja para o desafio do pensar contemporâneo.

Depois de Feurbach, o autor comenta os estudos de Karl Marx sobre a religião, ponto este que me guiou para compreender algumas possíveis relações entre marxismo e Psicodrama, neste contexto da espiritualidade.

Confesso que incomodou-me quando vi o quanto Moreno falava em “revolução” no começo dos meus estudos. Soava-me parecida com romanismo dos tempos dourados do proletariado no marxismo. Mas, aos poucos, fui entendendo melhor a “revolução criadora” e o valor que Moreno dá a cada criatura singularmente, em grupo e a cada grupo. Sua teoria abomina a confusão das massas, o uso político das populações e a destrutividade das ideologias conservadas usadas fora do contexto que lhe deram origem.

Moreno repudiava o nazismo, o comunismo e todas as formas de totalitarismo, de controle do ser. Para ele o homem é um ser espontâneo, que cria sua realidade: se o homem pode inverter o papel com um deus, ele não precisa curvar-se diante do que quer que seja, nem excluir deus da realidade como um ato de libertação. A “revolução criadora” é o conjunto das transgressões através de pequenos grupos, algo absolutamente pós-moderno que o gênio extemporâneo de Moreno já sabia.

O materialismo de Marx, assim com a Psicanálise de Freud, a meu ver, reconhece na questão do divino uma prisão, uma alienação do homem. O Psicodrama, a meu ver, não é religioso porque não se fixa em nenhuma crença. A manifestação do divino se dá no fluxo da realidade suplementar, então não é uma questão de ideologia ou crença, mas de uma espiritualidade aberta ao diálogo com o que vier na experiência do momento. Já o marxismo é materialista e messiânico, tem uma crença no bem e no mal, na salvação pelo proletariado.

O otimismo de Moreno em relação a humanidade é uma postura existencial que muito me agradou, mas ele não é ingênuo de não perceber o que a vida robotizada de sua época espelhava e se surpreenderia com o nível de violência e desumanidade da sociedade de hoje. Há nele uma defesa do humano que reforça que o homem é responsável pelo seu mundo, muito próximo do paradigma ecológico de hoje em dia.

Não existe uma teleologia psicodramática porque o ser é recebido em abertura, como Moreno mostra com a metapraxis. O homem na experiência da criação, a partir da liberação da espontaneidade, se torna o Criador ou não. Já a crença instituída pode ter valor de conserva cristalizada e sim, pode alienar o sujeito de seu próprio desejo. É uma diferença sutil.

Entretanto, ter o homem como um ser cósmico responsável por si e pelo mundo é oposta a própria ideia de uma teleologia historicista que fala sobre o destino da humanidade, como propõe o marxismo e algumas religiões. Ou seja, depois deste estudo ficou mais evidente para mim que o deus de Moreno é um deus novo, não é o mesmo deus de Marx, de Freud e muito menos o absoluto de Hegel.

O universo do homem moreniano é aberto por ele ser-com o Criador. Ou seja, qualquer revolução baseada em alguma ideologia não é nada mais que um império da conserva cristalizada e da perda da espontaneidade, irmã da não-vida. Não existem leis históricas que não possam ser submetidas e desmentidas pelo poder do momento, ao homem é dado escolher.

Concluindo sobre esta incompatibilidade entre o messianismo ateu humanista e o de Moreno, termino com a seguinte avaliação de Meslin:

*“Desta forma aparece, no ateísmo militante, uma dimensão messiânica, uma concepção escatológica de uma salvação prometeica pelo homem e para o homem. Esse **eschaton**, essa meta última, está contido na própria história da humanidade e, enquanto durar a religião, ela deverá ser combatida enquanto obstáculo e força social de oposição à realização desta salvação humana”. (Meslin, p 43)*

Ao que parece, Moreno está muito mais preocupado com “quem sobreviverá” do que “quem será salvo”. Penso que cada vez que a psicoterapia passa ao território da salvação e da adaptabilidade, uma potência se perde na conserva e na promessa do futuro. Não vendemos a salvação de ninguém. Não vejo como terapêutica a polarização do bem e do mal, do opressor e do oprimido ou qualquer classificação do homem em qualquer casta que seja.

Como propõe Moyses Aguiar, em seu Teatro da Anarquia (1988), com o qual concordo, como consequência lógica da concepção de homem de Moreno (acrescento aqui de sua relação com o divino), a revolução criadora está mais próxima do anarquismo que qualquer regime de Estado. O Estado, como mais uma possível conserva cristalizada, quando assume a religião do nacionalismo é uma poderosa conserva, fonte de perda da espontaneidade e fechamento do homem ao mundo.

A religião misturada com a política, como temos visto no Brasil e no islã fundamentalista, é uma ameaça violenta a própria existência humana autêntica contemporânea. Falar de espiritualidade também é falar de política, e é preciso nos libertarmos da conserva racionalista de que tudo pode ser bem separado assepticamente na matriz do ser, pois nosso “Estado constitucional laico”, talvez nunca tenha sido tão religioso.

Aos inimigos do reconhecimento da importância do divino enquanto potência no homem, o Psicodrama conjura um palco onde a investigação do divino pode ser feita, sem meta, sem verdade final, sem bem e sem mal. Este campo psicodramático herdado do teatro e de sua desconstrução moreniana

nos possibilita uma aproximação do tema do divino. Estamos aliviados de todo ódio, de todo ranço racionalista que herdamos do iluminismo e suas repercussões, bem como das concepções de deus ligados a política e ao domínio das massas como estudou Freud.

O que estamos experimentando no Psicodrama é real ou não é? É “como se”, realidade suplementar, potencialmente ativa na realidade, sem pertencer a ela.

A seguir sigo a reflexão de Moreno revisitando seu livro “As Palavras do Pai”, que em muitos aspectos retoma as questões filosóficas e antropológicas que acabei de esclarecer, só que com um viés mais poético e existencial.

6. AS PALAVRAS DO PAI: UM LIVRO FUNDAMENTAL

Já havia lido todos os livros disponíveis de Moreno e acabei deixando um por último. Ele não havia vindo para as minhas mãos ainda, pois sua última edição é bastante antiga. Chama-se “*As palavras do Pai*”. Hoje, percebo esse livro como um dos grandes livros do século passado e essencial ao Psicodrama. Gostaria de tê-lo lido antes, visto a profunda riqueza de temas que encontro nele.

Percebo que há uma sutileza importante na concepção moreniana da experiência do divino que se mal interpretada pode levar às mesmas limitações do humanismo e sua aspiração a uma salvação do homem pelo homem. Moreno deixa claro que há uma transcendência sempre. Não há inversão de papel onde não existe uma relação.

Em “*As Palavras do Pai*”, Moreno conduz uma concepção do divino que evoluiria de um deus Ele (judaico), para um deus Tu (cristão) e finalmente um deus Eu (psicodramático). Este deus EU SOU psicodramático seria o capaz de ser criador e co-responsável pela criação, Deus poderia falar a partir de cada homem e assim, o homem poder ter a experiência do divino em si mesmo.

Pessoalmente, não me agrada muito estes pronomes e esta concepção evolutiva do espírito. Percebo aqui uma influência hegeliana, um processo de evolução dialética que culminaria no homem contemporâneo. É provável que este posicionamento historicista faça parte do espírito da época de Moreno, pois percebo em Jung esta mesma angústia de encontrar um sentido evolutivo da imagem de Deus.

Atualmente, o uso do termo “judaico-cristão” é muito problemático e pode reduzir o judaísmo como se fosse apenas um começo superado pelo cristianismo. Há muitas diferenças entre as duas religiões para se falar de um contínuo. O deus que Martin Buber, por exemplo, traz nos seus estudos é um deus judaico que ele chama de “Tu eterno”, que se dá ao homem como diálogo, jamais um Ele impessoal, como pode parecer nesta possível evolução que Moreno postula.

Penso que a coexistência de várias matrizes divinas é mais adequada do que uma ter ultrapassado a outra. No fundo, percebo que na prática Moreno faz isso, embora fale como um modo evolutivo. Para se ter uma ideia, ele faz uma oração até para o deus dos nazistas de forma poética, em as “Palavras do Pai”. Lidar com estes modos de ser, com estas dinâmicas diversas, às vezes justapostas e contraditórias, nos diferentes contextos, me parece uma proposta de expandir o ser mais razoável.

É dito por alguns estudiosos, que estamos na “Era da Complexidade”, onde o olhar do observador em seu momento existencial é essencial para a compreensão do objeto de estudo. Ou seja, podemos estar em vários lugares e várias possibilidades de verdade distintas ao mesmo tempo, algo que o Psicodrama se propõe desde seu começo: múltiplos olhares para uma mesma situação podem coexistir.

A matriz cristã, por exemplo, não é necessariamente um seguimento evolutivo da matriz judaica, isso já é uma interpretação cristianizada do judaísmo. Ela é uma nova forma que implica em uma nova concepção da relação do homem com deus, mas que não é superior ao judaísmo. Assim como, no cristianismo há muito da filosofia grega platônica e aristotélica não-judaica. Também há um horizonte ligado a natureza e ao ser, pré-socrático e ligado ao paganismo e as religiões europeias antigas dos mistérios, que não se encaixa em um modo de ser cristão ou a filosofia grega entendida como metafísica. Isso se pensarmos apenas nestes três pilares ocidentais fundamentais.

Reconheço que é muito reducionista definir experiências espirituais tão potentes por comparações limitadas e intelectualizadas. Entretanto, quando olhamos para uma teoria que se alimenta de uma matriz judaica, ela pode ser tão rica quanto de uma matriz cristã, mas absolutamente diferente em seu sentido para o homem. Olhar isso profundamente é um desafio futuro que me inspira bastante.

Moreno nos dá uma pista interessante ao dizer que o homem inventa seus deuses conforme o contexto. E completa, “*Deus jamais se transforma,*

mas a concepção de Deus criada pelo homem está sempre mudando". (MORENO, 1984, p12). Vejo aqui possivelmente uma diferença feita pelos místicos, em sua *"via negativa"*, que é sempre útil na diferenciação do divino e da manifestação da divindade. Estamos sempre falando de aspectos e de manifestações no tempo de experiências de criação, mas o divino em si é sempre inabordável enquanto transcendência absoluta.

A eficácia simbólica dos deuses muda conforme as culturas e suas épocas, o que servia ontem já não serve mais hoje. Nietzsche trazia isso muito vivo ao tratar o "nihilismo europeu", ou seja, a experiência de cultuar certos valores do cristianismo, mas sem experimentar em si mesmo o sentido que estes valores possuem. Moreno explicita a condição moderna dizendo que *"O homem, por conseguinte, tem tido só duas alternativas: a de aceitar a ideia de Deus que perdeu a sua dinâmica ou tornar-se incrédulo"* (MORENO, 1984, p. 23).

Penso que há a possibilidade de uma desconstrução das conservas cristalizadas das concepções do divino e de um uso destas potências a partir de uma atualização hermenêutica no "brincar de deus". Prefiro o politeísmo ao monoteísmo como forma de experimentar o divino na realidade suplementar e a partir deste múltiplo reconhecer um divino EU SOU múltiplo.

Como citado anteriormente, Moreno pensava em uma "alma" múltipla e variada, com muitos começos. Mesmo dentro de um único "Eu" divino, como Moreno concebe em cada homem, penso que podem existir múltiplos papéis psicodramáticos de deuses que podem falar e expandir o ser em suas diferenças e assim evitarmos a tentação da totalização ou a confusão entre a extensão do ser e a tentação egóica de possuí-lo. O Psicodrama tem o poder de trazer à vida muitas potências adormecidas e criar novas, investigá-las e atualizá-las na experiência, para usá-las na realidade suplementar e no mundo.

Percebo no livro "As Palavras do Pai" que o gênio psicodramático de Moreno nos coloca várias questões de forma poética que parecem ser respondidas ao longo de sua obra. Encanta-me o valor que é dado a experiência individual do sagrado e a possibilidade de cada homem ser deus

psicodramaticamente. Este deus EU SOU, dá uma visão de dignidade e responsabilidade ao ser humano em relação a tudo que vive.

Nesse livro, o ser humano é concebido como um gênio em potencial, com poder para se criar. Fica reforçado que há nele forças próprias que podem auxiliar na luta contra todas as forças que o aprisionam nas conservas cristalizadas, nas neuroses e nas psicoses. E ao contrário do ideal moderno, está no humano uma necessidade ética de conviver, de inverter papéis ao longo de sua existência, não sendo seu papel dominar o mundo pelo uso da razão.

Ao longo do livro, vai se esclarecendo que todo psicodrama que lida com o divino no fundo é um **axiodrama** que acaba resultando em valores que sociometricamente nos auxiliam em nossas escolhas e acabam construindo perspectivas para a conduta humana. O discurso de cada divindade é também um conjunto de valores que guiam a ação. Com isso, concluo que o fundamentalismo, seja ele da natureza que for, é oposto a visão moreniana por se tratar de um acabamento do ser.

A rigidez dogmática inviabiliza a experiência da escolha na multiplicidade. Assim, o homem criador é substituído por um ser que rasteja submisso diante de valores que ele mesmo criou, cristalizou e acha que não pode mudar. Acredito que não há transcendência naquilo que se crê que não pode mudar, penso que é o ser em relação que cria a realidade.

Uma “Verdade absoluta” é em si a impossibilidade da vida, entendida por mim como um fluxo em constante transformação. Não há sentido na liberdade se não se pode escolher conforme o contexto, por isso percebo na categoria do “momento” uma importante concepção psicodramática. Para manter a espontaneidade saudável, há a necessidade do diálogo constante com o transcendente em constante atualização, é a **adequação** ao momento. Moreno nos diz que “*Deus é pura espontaneidade*” (MORENO, 1984 p. 29), mas o homem a vive em sua finitude.

Deus enquanto conserva rígida se torna o inimigo do homem. Moreno reforça que “*Uma transformação verdadeiramente revolucionária, se quiser*

alterar todo o sistema de valores, deverá atacar primeiro este centro principal: o conceito de Deus” (MORENO, 1984, p. 29), pois foi este apego a um divino descontextualizado que manteve um sistema de valores conservados e a vivência de um abandono de Deus por sua criação no último século. Moreno explica que:

“A incapacidade dos porta-estandartes e defensores do velho sistema de valores para ajustar o conceito de Deus a um mundo que se transforma rapidamente, tem sido a razão fundamental dessa revolta mundial da qual a guerra é apenas uma de suas manifestações. Foi o atraso teológico que desencadeou o mal-estar de todo o nosso sistema atual. Se isso tivesse sido levado em conta, talvez teríamos evitado as guerras mundiais”. (MORENO, 1984, p. 30)

Fico perplexo ao perceber que atualmente vivemos um tempo muito parecido. O fundamentalismo religioso, e junto com ele o conservadorismo, mais uma vez ameaçam a humanidade. O islã fundamentalista talvez nunca tenha estado tão forte e com a possibilidade de chegar a aniquilar todas as formas de vida espirituais distintas das suas.

Na minha percepção, reconheço no Brasil, o surgimento de um fundamentalismo religioso evangélico que já ameaça uma nova inquisição e vemos líderes fascistas comandados por um suposto deus já nomearem inimigos. Houve um aumento na perseguição aos gays, às mulheres e às religiões afro-brasileiras. Há um vazio enorme e um axiodrama que clama por valores mais efetivos e coerentes, mas que por não tê-los se enrijece em conservas que prometem a segurança frente ao caos e à violência, o retorno da conserva cristalizada da ditadura.

Moreno coloca um desafio ao Psicodrama desde o começo de sua obra: ajudar o homem em sua tarefa espiritual de criador para que não seja amortecido pelas conservas cristalizadas. Nesse livro, em muitos momentos, usando a linguagem da poesia, parece que estamos ouvindo um profeta judaico proclamando uma nova fé. Mas, aos poucos, percebe-se que não é isso, é dar a cada homem a possibilidade de entrar em contato com sua

potência criadora, sua espontaneidade, esquecida no conforto da segurança ilusória das conservas rígidas.

Entretanto, criar um conjunto de dogmas religiosos para o mundo seria mais uma cristalização e por isso não faz sentido. O ser humano conquistador de sua espontaneidade pode ser o criador de um mundo onde cada um possa se responsabilizar por si e pelo outro, uma co-criação, uma experiência de ser em relação com o outro, com o que o transcende. No reconhecimento da transcendência e da alteridade se combate a repetição, a mimese.

Assim a conserva da unidade, da totalidade, do monólogo, do mundo onde cada um vive a sua Verdade com letra maiúscula, pode ser trocada pelos múltiplos diálogos, a inversão de papéis e o reconhecimento do valor do momento e do outro. Quando isso acontece, estamos cada vez mais próximos da revolução criadora proposta por Moreno.

Este deus EU SOU depende da percepção do valor do “momento”. Reconhecer isso é abrir mão da conserva e de sua satisfação. No fundo, é um combate a todas as idolatrias. Assim, consegue-se *“substituir um sistema gasto e antiquado de valores (o tesouro cultural) por um novo sistema de valores melhor ajustado às emergências do nosso tempo: o complexo de espontaneidade-criatividade”*. (MORENO, 1984, p.148)

Penso que, o poder dos grupos compostos de pessoas capazes de amar, de dar limites, fazer escolhas e se responsabilizar por si e pelo mundo é a chave para a verdadeira revolução deste deus moreniano. No fundo, segundo meus estudos, penso que Moreno antecipava o que hoje muitos chamam de espiritualidade, um contato com o divino que fortalece a própria existência na busca de um sentido pessoal para a vida individual e social. Isso não é crer em um deus, inclusive um ateu pode ser muito espiritualizado.

O deus de Moreno vem ao mundo como grupos, seres em relação e não apenas uma única voz. Assim, o Psicodrama pode contribuir para uma espiritualidade contemporânea. Moreno reconhece que

“Ideias e emoções, tais como amor, caridade, piedade, simpatia, felicidade, alegria, êxtase, remorso, responsabilidade, liderança,

dominação, subordinação, humildade, lealdade, tranquilidade e silêncio, todas essas categorias espirituais e psicológicas e muitas outras podem ser iniciadas, desenvolvidas ou treinadas com exercícios de espontaneidade” (MORENO, 1984, p. 182).

Moreno assim, dá a sua resposta a questão da “morte de Deus” como colocada desde Nietzsche, esse fim dos valores absolutos para um treinamento da adequação da espontaneidade no momento. Explicita em sua outra obra:

*“Um dos maiores dilemas de nossa época é o homem ter perdido a fé em um ser supremo e muitas vezes num sistema de valores que oriente a sua conduta. Será o universo apenas governado pelo acaso e pela espontaneidade? A resposta psicodramática à asserção de que Deus está morto é que ele pode ser facilmente restituído a vida. Seguindo o exemplo de Cristo, demos-lhe e podemos dar-lhe nova vida, mas não a maneira que nossos antepassados aspiravam. Substituímos a morte de Deus pelos milhões de pessoas que podem **incorporá-lo** em suas pessoas”. (MORENO 2006, p. 33)*

Para mim, assim a questão central de uma espiritualidade aliada ao Psicodrama não é nenhum voo meditativo a uma outra realidade, mas pelo contrário, é um retorno a realidade do corpo. Comentando sobre Cristo , Moreno diz que

*“...o admirável em seu caso não era a instrução ou o saber intelectual, mas o fato da **incorporação**. Viviam na época muitos homens intelectualmente superiores a Cristo, mas eram intelectuais fracos. Em vez de fazer um esforço para incorporar a verdade tal como a sentiam apenas falavam dela”. (MORENO, 2006, p. 34)*

O capítulo seguinte vai tratar da questão da corporificação do ser, que a meu ver, em Moreno absorve muito da temática existencialista. Por isso, reviso alguns temas dessa tradição filosófica e como Moreno a percebia em sua antropologia.

7. O EXISTENCIALISMO EM MORENO E A EXPERIÊNCIA DO DIVINO: A ENCARNAÇÃO

No meu entendimento, assim como o tema judaico da Criação envolve boa parte dos escritos de Moreno, há o tema paralelo cristão da Encarnação que também parece-me essencial para a compreensão de sua antropologia.

Entretanto, em vez de seguir a trilha do cristianismo tradicional e suas repercussões advindas dos estudos aristotélicos e platônicos, parece que o que mais chamou a atenção de Moreno foi o fato de Cristo andar pelo mundo, viver uma existência única autêntica, não apenas falando de Amor, mas vivendo profundamente a paixão pela humanidade que propagava. Por isso, o pensamento de Soren Kierkegaard lhe interessou bastante. O pai do existencialismo buscava antes de tudo, ser ele mesmo, um cristão, para ele uma forma elevada e quase impossível de existência corporificada.

Como MORENO (2014, p.273) descreve, o filósofo dinamarquês protestava contra dois alvos: *“A igreja cristã. Ele afirmava que a Igreja estava em um estado de mentira, configurando uma traição completa a Cristo. Seu Cristo era um Cristo edulcorado, estético, que foi colocado no lugar do Cristo real histórico pelas autoridades da Igreja”*. (Ou seja, um ataque ao platonismo). E segundo: *“o outro alvo era a filosofia de Hegel, que ele considerava intelectualização do espírito transcendendo a situação real, cometendo a filosofia o mesmo erro trágico que os bispos cometeram na religião”*.

Um deus que se torna corpo e vive a existência de forma trágica parece um esboço para uma teoria psicodramática. Definir o campo do existencialismo é bastante extenso e exigiria um aprofundamento tanto na história do Psicodrama quanto da Filosofia do século passado. Entretanto, existem alguns aspectos do existencialismo que me pareceram mais explícitos quando se trabalha a questão da espiritualidade.

MORENO (2014, p. 272) escreve nos *“Fundamentos do Psicodrama”* um texto em que diferencia três tipos de existencialismo. Primeiramente, há uma retomada de Kierkegaard, filósofo cristão protestante que traz a problemática inicial. Ele é o grande opositor de Hegel e do idealismo, do culto

da razão e do processo dialético. Suas ideias vão questionar um cristianismo que se tornou discurso desconexo da ação. Sua pergunta era como ser cristão no seu contexto, na sua época, no seu corpo.

Há no existencialismo uma percepção de sermos um corpo que se faz história, uma existência concreta que possibilita experimentar a vida onde ela acontece e o que acontece com cada pessoa. Para ele, a liberdade humana se exerce nos limites do corpo e da cultura, a partir de escolhas muito difíceis de se realizar. A busca de uma existência autêntica e responsável por si mesma é a própria espiritualidade, mesmo que trágica: é escolher ser quem se é.

Para o existencialismo, não adiantam altos vôos de pensamento e retóricas sublimes se não há na escrita uma origem corporal de algo vivido. O amor ideal não é amor, é uma forma de fugir da própria possibilidade do amor, por exemplo. Podemos refletir sobre muitos seres humanos formidáveis, mas se tentarmos copiá-los estaremos perdidos de nós mesmos, atuando a mimese dramática que Moreno combateu no teatro clássico. Posso admirar Jesus profundamente, mas se tentar ser como ele, não serei mais que um personagem grotesco.

Também Moreno cita Nietzsche rapidamente, caracterizando ele e Kierkegaard como “românticos existenciais”. Pois “*encontraram no “passado” representantes de seu homem ideal – Kierkegaard em Cristo, Nietzsche em Zaratustra. Nietzsche e Kierkegaard, longe de ser eles próprios profetas ou super-homens, foram pessoas frustradas, mas incendiaram a imaginação das gerações futuras*” (MORENO, 2014, p. 276).

Após, Moreno reforça um segundo existencialismo , segundo ele mais radical e menos intelectual que ocorreu na Áustria, o que denominou “*seinismo*”, dando o exemplo de John Kellmer que abandonou a vida acadêmica para “*se tornar um simples lavrador, vivendo com camponeses*”., buscando “*a urgência da experiência imediata*” (MORENO, 2014, p.279).

Depois, neste mesmo artigo, Moreno comenta de um terceiro tipo de existencialismo mais filosófico, citando Heidegger e Jaspers. Via em Heidegger um certo apego a Hegel, um certo retrocesso e não o existencialismo que ele

se propõe, ligado a existência concreta. Para ele a espiritualidade mais concreta seria a da segunda leva de existencialistas, do “seinismo”.

Concordo com ele em alguns aspectos, porém não totalmente, principalmente no que se refere a Nietzsche e Heidegger. Reconheço-os como pensadores existenciais bastante conectados e críticos da modernidade, com erros e acertos. Às vezes, vejo Moreno muito romântico e fazendo uma crítica a tudo que é diverso dele. Não acredito que se precise abandonar a civilização partindo para uma vida bucólica ou os debates acadêmicos sofisticados para se ter uma vida profundamente enraizada em seu próprio ser, como elogiou no “seinismo”.

Um homem das letras pode viver uma vida inautêntica dedicando-se a agricultura ou ao mundo dos negócios, desconectado da vida que realmente sente que lhe pertence. A meu ver, a elaboração da questão da crise dos valores do cristianismo e o ataque virulento à metafísica ocidental fazem de Nietzsche e Heidegger pensadores existenciais fundamentais.

“A existência precede a essência”. Essa é uma frase clichê tipicamente existencialista. No modelo teórico psicodramático, a teoria dos papéis nos mostra uma “placenta” social a partir da qual nos estabelecemos. Não existe “eu” fora de um papel, nem papel sem contra-papel. Ou seja, não existe um eu ideal abstrato desconectado da realidade e ainda, sem estar em relação com o mundo em um determinado contexto sócio-histórico. Fala-se em atomo social e não em sujeito.

Assim, parece-me que estamos mais próximos de um modelo evolucionista, ou seja, de um ser que se desenvolve a partir de suas experiências, do que um modelo criacionista de uma alma pronta que precisa encaixar-se na estrutura ou descobrir algo acabado de si mesmo.

Entretanto, em nenhum momento Moreno se torna um materialista estrito. Ele não fala de essência, mas fala de espontaneidade. Não fala de substância, mas fala de potências no ser. Ou seja, como uma natureza que se realiza somente se existe enquanto corporeidade e história.

Outra questão é a ruptura com a dialética hegeliana e o historicismo. Ou seja, não há leis históricas ou um sentido último no processo evolutivo. Se o homem não se responsabilizar por sua própria existência e pelo mundo, algo pode ser perdido para sempre. Assim, no Psicodrama os processos são abertos e expostos ao desconhecido. A luz e as trevas convivem, a conserva e o processo criador, não há como abrir mão da coexistência dos contrários. Bem como, não virá nenhum período de perfeição e acabamento do homem. O extinto e o não-criado, visto o ultrapassamento da categoria do representável a partir do uso da ação como método, não estão excluídos do domínio do ser.

O “existencialismo moreniano”, como o entendo, é a busca da corporificação do ser, da expansão do homem a partir de si mesmo rumo ao desconhecido. Por reconhecer a espontaneidade, o homem sabe que há um processo que se dirige naturalmente para a criação de si mesmo, sem ter que conjecturar a partir da conserva qualquer fim previsível.

A seguir, dou continuidade ao estudo da linha existencial e proponho seguirmos falando do sofrimento existencial contemporâneo. Escolhi como ilustração a estética de Samuel Beckett, dramaturgo do último século e a partir disso discorro sobre a melancolia e a depressão, a meu ver, o desafio espiritual do século XXI.

8. A EXISTÊNCIA PRISIONEIRA: A FOME DE ATOS E O SAIR DE SI

Penso que os processos de pesquisa também são produtos de fenômenos télicos que se desenham na organicidade do cotidiano. Enquanto fui refletindo sobre esta espiritualidade incorporada e relacional, fui associando com um estado mental que já experimentei muitas vezes e tenho feito esforço para cada vez mais vencê-lo: a dificuldade de sair de mim mesmo, da minha cabeça e ir em busca de alteridade, de desestabilizar minhas certezas a partir da vivência existencial.

Busco a descrição disso em um conto de Samuel Beckett sobre a mente de uma personagem em seu conto “Mal visto mal dito”, ela não conseguia sair do “manicômio do crânio”:

*“Tudo se confunde já. Coisas e quimeras. Como sempre aconteceu. Tudo se confunde e anula. Apesar das precauções. Não passasse ela de uma sombra. Pura sombra. Esta velha mulher tão a morrer. Tão morta. No **manicômio do crânio** em nenhuma outra parte. Onde não há mais precauções a que ligar. Onde não há precauções possíveis. Internada aí com o resto. Casebre pedras e a tralha toda. E o olhar que espia. Como tudo seria simples então. Se tudo não passasse de sombra. **Nem ser ,nem ter sido, nem poder ser”**. (BECKETT, 2008, p. 56).*

No início quando pensei este trabalho, pensei em escrever um capítulo sobre a poética do acabamento do teatro, do abandono de Deus pelo homem em Samuel Beckett e o quanto isso ressoava como um campo onde o Psicodrama poderia investigar e fazer florescer um deserto. Guardei como uma ideia futura, mas a estética de Beckett seguiu me parecendo uma boa imagem para a questão que coloco nesta monografia.

Acabei encontrando uma nova edição de “Esperando Godot”, de Samuel Beckett. Numa livraria, um cliente pedia por telefone que reservassem um exemplar novo para ele na livraria, então decidi levar o meu e me apoiar em sua linguagem. Li boa parte da obra de Beckett desde a época da faculdade,

acho que nenhum autor chegou ao ponto de mostrar a existência de forma tão miserável de uma contemporaneidade pós-apocalíptica, desesperançada e desiludida. Acho ele interessante para problematizar este silêncio de Deus que muitos percebem no século XX e este deus violento que parece dominar o axiodrama do começo do XXI.

O deus de Beckett parece ser um demiurgo demenciado que esqueceu qualquer valor para a existência. Sua peça mais famosa, “Esperando Godot” mostra este momento em que o homem está esperando por algo que nem sabe o que é, mas que também não lhe interessa e que tanto faz se venha. Seus personagens simplesmente esperam sem esperança, jogam conversa fora, numa linguagem empobrecida, esperando o tempo passar, mas sem nem se importar se o que aconteceu foi hoje ou ontem. Não há futuro, não se pode ter esperanças, nem expectativas.

O personagem Godot (“God”-ot, um trocadilho ou um acaso sem significado?), pode ser um homem, mas também pode ser Deus para quem quer ainda procurar sentido, mas isso nem sempre importa ao gênio beckettiano. Um dos heróis de seu romance “Malone morre” não traz nenhuma surpresa ao leitor, ele simplesmente morre. Em “O despovoador”, um conto, retrata uma existência presa em um rolo de cimento gigante soterrado onde ver a luz é só mais uma tortura diante do impossível. Acho que todos que passaram pela depressão conhecem um pouco o mundo de Beckett e seu desalento.

Uma das características de seus personagens é que muitos estão presos dentro de suas próprias cabeças, “manicômios do crânio”, como descreve o trecho do conto inicial, e acho que isso descreve bem o sofrimento existencial de muitos homens contemporâneos, um misto de melancolia e demência, uma temporalidade achatada e empobrecida.

Vejo que este sofrimento existencial não é somente uma questão de se perder em um racionalismo que tudo domina, uma razão que não compartilha. É a questão de um egocentrismo egosintônico, de um narcisismo que sufoca o ser a ponto de muitos se assemelharem a uma psicose. Uma existência focada

no “meu”, “minhas” coisas, “meu” universo de certezas que não consigo abandonar, um “eu” que vem sempre em primeiro lugar. E ainda, quando se sente ameaçado nas suas certezas, busca o engrandecimento nos discursos de “autoajuda”, de “olhar para dentro de si”, um tipo de autofagia anêmica, trágica e melancólica.

Há muitos discursos de espiritualidade focados nisso, e sutilmente, acho importante ressaltar que Moreno sempre reforça que o homem é um ser em relação. A ênfase dele no deus EU não é um engrandecimento do eu solitário, iludido e perdido em seu próprio desejo. Este EU só ganha seu sentido quando se responsabiliza pelo outro e pelo mundo. A meu ver, as patologias da contemporaneidade podem ser vistas como patologias da ética.

Beckett, em uma de suas peças máximas e minha favorita, “Fim de Partida”, cria um universo onde tudo já era e está condenado a repetição. “O fim já está no começo”. Impacta-me o cenário onde as janelas parecem os olhos (Figura 1) e a cena trágica parece se passar dentro da própria cabeça, um universo sufocado e sem a possibilidade de qualquer esperança. Já senti-me assim algumas vezes, principalmente quando estive deprimido, uma claustrofobia do ser.

Durante a escrita da monografia também fui surpreendido com uma reportagem que falava do suicídio de um homem de 41 anos, Chester Bennigton, ídolo de uma geração, vocalista da banda Linking Park. Embora não fosse fã, conheci algumas de suas músicas da adolescência. Fui ler sobre o que diziam do ocorrido e comentava-se que algumas das letras de suas músicas soavam como recados de que não estava bem e que não conseguia sair de sua cabeça para pedir ajuda, na hora me veio o “manicômio do crânio” de Beckett. A música mais citada foi, “Shadow of the day”, que descreve justamente esta necessidade de conseguir libertar-se.



Figura 1. Fotografia da peça Fim de Partida, de Samuel Beckett. Autor desconhecido, retirada da internet.

Shadow of the Day	Sombra do Dia
<p>I close both locks below the window I close both blinds and turn away Sometimes solutions aren't so simple Sometimes goodbye's the only way</p> <p>And the sun will set for you The sun will set for you And the shadow of the day Will embrace the world in gray And the sun will set for you</p> <p>In cards and flowers on your window Your friends all plead for you to stay Sometimes beginnings aren't so simple Sometimes goodbye's the only way</p> <p>And the sun will set for you The sun will set for you And the shadow of the day Will embrace the world in gray And the sun will set for you</p> <p>(Chester Bennigton)</p>	<p>Eu fecho ambas as fechaduras abaixo da janela</p> <p>Eu fecho ambas as cortinas e as afasto</p> <p>Às vezes soluções não são tão simples Às vezes o adeus é o único jeito E o sol irá se pôr pra você O sol irá se pôr pra você E a sombra do dia Irá envolver o mundo em cinza E o sol irá se pôr pra você Nos cartões e flores em sua janela Todos os seus amigos implorarão pra que você fique Às vezes começos não são tão simples Às vezes o adeus é o único jeito E o sol irá se pôr pra você O sol irá se pôr pra você E a sombra do dia Irá envolver o mundo em cinza E o sol irá se pôr pra você</p>

Canção Shadow of the Day, da banda Linking Park, escrita por Chester Bennigton. (A tradução ao lado é minha)

A meu ver, uma espiritualidade ligada a possibilidade de acesso ao outro, a ênfase no grupo e do poder do encontro, é uma das melhores características do Psicodrama que podem contribuir para uma espiritualidade saudável na contemporaneidade. Como pai da psicoterapia de grupo, Moreno trouxe um instrumento muito importante para ajudar o homem a sair de si mesmo. A meu ver, o Psicodrama trabalha para nos colocar no lugar do outro, um sair de si, um sair do sujeito da modernidade.

É neste sentido que o transcendente moreniano nos guia para uma visão do divino grupal, uma preciosa herança do Hassidismo. Ao papel psicodramático de um deus beckettiano comparo um demiurgo que cria um universo interno e muito pobre sem acesso à realidade exterior, sendo muito mais um torturador do que um criador. Penso que para muitos, inclusive para mim, enfrentar este personagem seja um processo importante na melhora dos quadros melancólicos.

Enquanto isso, vejo que o deus EU SOU é um papel psicodramático conectado com a vida, com a multiplicidade e com a alteridade, só existe em relação. Há no psicodrama a possibilidade da conquista da liberdade pela convivência e pela responsabilidade, que se opõe ao ideal de uma pseudoautonomia que leva o homem para o isolamento e para a repetição de si mesmo em um sofrimento sem saída.

A utopia moreniana de fazer a psiquiatria, tratar a humanidade toda, pode ser relacionada com a espiritualidade, mas não no sentido de reformar a humanidade, mas fazer sua potência criadora criar e poder escolher.

O deus EU SOU possui o que Moreno chamava de um estado persistente que se estabelecia desde o nascimento, onde o ser humano busca um retorno ao estado da matriz indiferenciada, onde era um com o cosmos. Neste buscar, a partir de uma “fome de atos”, ele cria o próprio mundo. Na criação do próprio mundo vivencia uma “megalomania residual saudável”, uma herança infantil mas que inspira uma existência criadora, em vez de uma vida presa na conserva cristalizada das neuroses ou a perda de si na psicose. Moreno encontra nas religiões, mitos e contos de fada um “*protesto contra o*

fato de ter nascido em uma parte do mundo minúscula e desgraçada". (MORENO, 2014, p.187) E cujo remédio seria:

"Megalomania "Normalis"

Dosim Repetatur

Nessa megalomania normal, repetida como um remédio no ser, a pessoa se engrandece como um ser poderoso e centro do universo, um deus capaz de fazer a mudança. Moreno nos elucida que

"o fato da pessoa se tomar como ponto central para ver o mundo, sua autorreferência, ou seja a referência a sua matriz de identidade, nunca deixa de funcionar. Ela continua sendo criança durante toda a vida. A megalomania "residual" é uma função normal". (MORENO, 2014, p.192)

Ao contrário de uma cultura que faz o homem se sentir um ser decadente e sem futuro, ao entrarmos em contato saudável (e não maníaca) com esta potência primordial, podemos criar o mundo novamente na realidade suplementar. Nunca teremos o poder mágico de resolver a dureza da realidade, mas a experiência de potência é essencial para uma ação concreta diferente e não pautada em um sentido de futuro desiludido e sem possibilidade de mudança.

O Psicodrama possibilita que se entre em contato com várias dimensões do ser. Possibilita ver que em vez de uma vida perder-se por "falta de saídas", que pode levar ao suicídio, existem muitas novas entradas em um universo que parece uma eterna repetição, mas que apenas é assim superficialmente. E mais que isso, se a repetição se mostra, como é inevitável, poder erguer a cabeça e como um deus, ou um herói mítico, enfrentar tragicamente o dragão quantas vezes ele ressurgir. Como Moreno nos diz, *"cada recém-nascido traz de volta o maior rebelde contra o cânone da desilusão"*. (MORENO, 2014, p. 188)

Pela limitação de uma monografia encerro a parte teórica e passo a apresentar uma vivência psicodramática

PARTE II – VIVÊNCIA PSICODRAMÁTICA

9. O BRINCAR DE DEUS: O DEUS “EU SOU”

O “brincar de deus” é colocado aqui como sinônimo do fazer psicodramático e suas repercussões no mundo. Vejo isso com profunda beleza e admiração. Enquanto em algumas terapias o terapeuta é mais eficiente se é mais ausente ou um orientador que guia o cliente para aceitar o *status quo*, o psicodramatista quando instaura o espaço do “como se” da realidade suplementar é um deus ajudando outro deus a “brincar de deus” no mundo, são co-criadores. “Quem sobreviverá? Quem souber criar” e somente um “deus” é Criador.

Esse nosso “deus” que matiza nosso papel profissional é um *deus absconditus*, mas nem tanto. Ele é colorido pelas muitas cores dos vários axiodramas que nos guiam no caminho do ser. Tem as cores da matriz de identidade pessoal, do papel religioso familiar, das tradições espirituais que tivemos contato, das mitologias que nos encantaram, de nossas experiências estéticas e das experiências espirituais místicas em sua maioria incomunicáveis que podemos ter tido. Tudo que cria parece alimentar este papel psicodramático.

Minha curiosidade religiosa sempre foi grande, então tive contato com muitas religiões, algumas por uma via mais institucional, outras por uma via mais subjetiva no estudo de seus místicos (como os sufis no islã, os monges budistas ou os trapistas e carmelitas católicos), outras tradições conheci no próprio meio social como nas festas populares do candomblé e da umbanda. Enfim, acho que sou um “deus” que “brinca” de forma criativa.

Então, a partir do que me constitui, da minha história, o que significa dizer que estas tradições espirituais estão absorvidas na minha prática de psicodramatista moreniano? Qual “homem-deus” eu quero ser neste “brincar de deus” no cenário psicodramático? Como se dá a minha “Criação” e a minha “Encarnação”? Como é meu personagem criador de realidades nesse desafio chamado Psicodrama?

Somos a chama que pode causar o incêndio que o mundo precisa e a chuva para fazer florescerem os campos. Podemos acordar muitos deuses que estão dormindo. Entretanto, como em toda teogonia, aparecerão as forças internas e externas que nos guiarão para o afastamento do equilíbrio entre a realidade e a adequação da espontaneidade, para o esquecimento da pluralidade do ser, para sua cristalização ou para uma limitação perceptiva, seja ela afetiva ou cognitiva.

A “*megalomania fundamental residual saudável*” que cada um possui é fundamental para que se possa experimentar a realidade suplementar. O poder de viabilizar o fluxo entre a fantasia e a realidade por um determinado tempo, criando monstros e deuses, despertando fantasmas, ressuscitando os mortos, ou seja, autorizando uma espécie de “psicose”, é realmente a força do psicodrama. Entretanto, se nos permitirmos ser deuses na realidade suplementar e que nossos clientes o sejam, precisamos aprender a conviver com os outros deuses, conhecê-los e aprender com eles.

Que deus sou eu com meu poder de criador? Posso ser um deus que desperta outros deuses, mas também posso ser um deus tirano ou um deus narcisista que não consegue ver a beleza das outras divindades, o demiurgo cego e ignorante dos mitos gnósticos.

O trabalho com estes “deuses”, a meu ver, é um exercício de reconhecimento dos vários axiodramas que me compõe como terapeuta. Estes axiodramas me guiam nos desafios éticos e podem tomar formas de conservas que facilitam ou impedem o encontro terapêutico. Reconheço que o trabalho de Moreno, na criação das “*Palavras do Pai*” foi importante para ele desocultar para si mesmo o que seu gênio queria lhe comunicar e explicitou o axiodrama que passa a guiar todo seu entendimento psicodramático de homem e de mundo.

Ou seja, qual a *locus nascendi* em que habitam alguns destes deuses criadores que influenciam o meu ser e conseqüentemente meu papel de psicodramatista?

Para iniciar minha investigação, identifiquei para esse projeto de monografia, a partir de uma leitura do psicodrama moreniano três fontes principais deste divino, que a meu ver, também refletem um pouco da matriz da nossa cultura ocidental: a Grécia clássica (fonte primária do teatro e da filosofia ocidental), o judaísmo (que em Moreno surge como hassidismo) e o cristianismo (que surge ligado ao existencialismo, o “encarnar”).

Quando leio Moreno falar em Hassidismo, Cristianismo e Grécia Antiga o que isso conduz em mim ao entrar em ação no palco da espontaneidade? Isso realmente tem sentido para mim? A tradição degenera em conserva cristalizada se é vivida desconectada de seu momento e contexto. Mais ainda, o horizonte da finitude da compreensão herdada das minhas andanças pela hermenêutica filosófica se impõe na minha prática, entendo que nossa consciência histórica nos restringe.

Escolhi as três matrizes que vejo mais desenvolvidas em Moreno e acho básicas para o meu fazer psicodramático, inclusive enquanto saber de certa ocidentalidade que me constitui na origem grega, judaica e cristã de nossa cultura. Ocidentalidade problemática, restrita, ensimesmada, assimiladora, entretanto, tomo isso como um projeto de reconhecimento inicial. Ao escrever este texto já me passam a riqueza do budismo, do xamanismo indígena e das tradições africanas que também surgem em um caleidoscópico universo de divindades no jogo do ser e seus múltiplos axiodramas.

Acolho inicialmente três divindades para estudar psicodramaticamente neste “brincar de deus”: Dionísio (divindade do teatro originário? Do trágico? Da embriaguez extática? Pré e antimetafísico? Pré-socrático?); Cristo (divindade da corporificação existencial do ser? do existencialismo?); Javé (divindade da comunidade? Da ação justa com alegria do hassidismo?).

Penso que ao fazer estas pesquisas acabo descrevendo realidades anímicas que se diferenciam e recebem usos diversos nos momentos e contextos da minha prática psicodramática. Por exemplo, alguns momentos exigem muito mais uma presença dionisíaca do que uma presença cristã e vice-versa, uma não exclui a outra, convivem e podem através de suas

perspectivas às vezes contrárias abrir novos horizontes de sentido. Todas elas criam, mas mais que ser espontâneo, é preciso ser adequado.

A meu ver, muitas psicoterapias têm se degenerado como se fossem receitas de bolo pronto, mas quem trabalha com a perceptiva da alteridade sabe que o que é potência para um cliente, pode ser adoecedor para outro. Entretanto, esclareço que não vejo estas realidades anímicas como estruturas ou como categorias didáticas, pois só fazem sentido quando vindas de uma experiência no ser do próprio psicodramatista, como Moreno o fez.

Trabalhei um pouco com as três, porém pela limitação de espaço e tempo de pesquisa e mesmo do impacto que isso teve sobre mim enquanto pesquisador, opto por apresentar nesta monografia os resultados iniciais da pesquisa sobre Dionísio.

10. PSICODRAMA DE DIONÍSIO

Escolhi como aquecimento duas atividades que me pareceram interessantes para abrir-me a “presença” de Dionísio e dos demais deuses: a escrita da poesia que é minha forma primária de expressão artística. Depois, a pintura de uma tela, uma experiência das transformações de imagens produzida pelo meu corpo como um todo. Tento assim, da mesma forma que Moreno descreveu, um preparo necessário para reter a experiência para estudá-la. Ao longo dos trabalhos fiz uso de aquecimento químico com consumo de vinho e quase sempre com presença de música, algumas escolhas surgidas em associação no próprio processo.

10.1 . AQUECIMENTO 1 – POESIA

DIONÍSIO

Acordo no meio da noite

As chamas consomem meu corpo

Estou rasgado e dilacerado no leito dos meus pais.

Eu fui antigo e novo

Não tenho nome, origem ou medo.

Destruo potencialmente tudo,

Inclusive a mim mesmo.

Estou embriagado do desejo dos corpos,

Coberto de vinho, sêmen e vida.

A voz dos torturados ecoa em mim,

A voz das virgens também ,

A voz dos desperdícios de permanecer estéril e intocado.

Sinto meu corpo sendo tocado por mil mãos,

O delírio do gozo na boca do povo,

A liberdade escrita na carne,
A forma que se perde no fogo
E faz a mão que se torna espada.
Eu visto a máscara de todos os deuses,
Estou nú no palco divino,
Sou o dono da noite, dos sonhos,
Sou o amor profano que fecunda o mundo.
Rasgo o véu virginal da matéria
E crio a beleza na violência do tempo.
Não há deus que beba de mim sem se perder,
O Bem e o Mal não existem.
Profanar é consagrar,
Dissolver é construir,
Vida e morte não existem.

Tropecei sobre as Musas,
Arranhei seus corpos e tinham sangue,
Não eram miragens da mente.
Meu poder é despir o poder,
Rasgar as togas das academias,
Beijar os santos e santas,
Trazer miséria e fartura para todos.
Eu não habito lugar algum,

Sou o estrangeiro do Olimpo,
Deus sem divindade.
Puros e uníssonos são os deuses,
Disformes e múltiplos são os dionísios.
Não há caminho, só destino que se faz carne.
Tragam-me um deus e eu o farei ridículo,
Tragam-me um simples homem e eu o tornarei divino!
Essa seriedade dos deuses,

Fúteis e imprestáveis!
Não compreendem os contrários,
Acabam por ser apenas deuses!
Estou fadigado de um mundo sem vida,
Da repetição das formas,
Formalismos e moralismos.
Quero criar no êxtase do sexo e do vinho,
A vida que arde sobre os túmulos.

Não quero deflorar a flor,
Quero dissolver-me nela,
Sou o momento em que o botão explode diante do mundo
Desejoso de viver a estação que lhe cabe,
Ser fecundado pelo ser de agora,
A forma plena da incompletude.

JAVÉ

Escuta que sou teu Deus,
Te escolhi em meio de todos
Para honrar-me como teu.
Carrego em mim os opostos,
Dialogo e faço acordos.
Meu mistério é ser Um,
Sou um Tu que tu não compreendes,
Mas que escuta o teu coração.
Quando todos te abandonarem
E não tiverdes nenhum apoio,
Eu estarei ainda contigo,
Lutando cada momento pela justiça e pelos justos.
Se fores injusto eu te acolherei,
Mas te fiz livre para se responsabilizar por cada escolha,

Então não espere de mim a tua salvação.

“Eu sou aquele que é”

Sou presença ausente,

Estou por toda parte, mas não sou coisa alguma.

Se não me diriges a palavra,

Permaneço em silencio,

Eu te acolho se me pedes,

Mas posso não estar se para ti for melhor a solidão.

Eu te ofereço uma nova terra,

Seja justo e confia!

Dias melhores virão!

Lembra sempre de quem tu és,

Criado a minha imagem e semelhança.

Eu sou justiça e liberdade,

Minha voz é criação pura,

Tua voz ressoa o meu poder

Quando reconheces a verdade que está em ti.

Dei ao mundo formas, sentidos e leis,

Cuida da minha obra,

A ti confio a minha criação.

Ama a minha criação como amas a ti mesmo,

Tu és a parte mais bela dela,

Não te diminuas diante de qualquer poder,

Nem te percas nas belezas do mundo.

Lembra-te que sou teu deus,

Sou inominável, insondável,

Meu esplendor te cegaria,

Por isso me oculto,

Para te proteger de mim.

Quando me busca eu me afasto,

Mas siga andando que te receberei com amor.

Jamais te ajoelhe diante do mundo,

Virão muitos ídolos, bandeiras, grandes líderes,

Todos são poeira diante da Verdade.

Se me amares como eu te amo,

No meu Amor,

Eu sempre te protegerei,

Sou o deus das promessas.

CRISTO

Aqui estou eu,

Te abraçando como um homem comum.

Tu não me entendes porque sou Amor,

Tu me julgas porque não sabe amar incondicionalmente.

Perdoa-me pelo que deixei fazer em meu nome.

Não sei reconhecer o mal nos homens,

Acredito sempre que todos acharão o caminho,

Que para todo pecado há perdão.

Vim ao mundo pelo ventre de minha Mãe,

Só uma Mãe ama mais que um deus,

Ela nunca duvidou de quem eu sou,

E na solidão completa ainda acreditou.

Nunca quis que se erguessem igrejas em meu nome,

Todo homem é um sacerdote,

Basta acreditar no Amor e terás o meu poder sempre contigo.

Não há morte diante do Amor,

Lembra que teu coração é minha morada,

E por isso tu também és imortal.

Todo Amor é lindo e justo,

Toda carne é fruto do Amor.

Eu escuto a tua dor e a dor do mundo,

Eu sofro junto contigo, amo junto contigo,

Sou o deus que escolheu ser homem,

Não há poder maior do que a fragilidade humana.

Saber que tudo morre não é a mesma coisa que morrer,

Saber que se ama não é amar de verdade,

Saber da perda não tem a dor da ausência.

O meu Amor por tudo só se tornou verdadeiro porque pude morrer.

Os deuses são frios porque nunca perderam,

Nunca amaram,

Nunca foram traídos e não conhecem o tempo.

Jamais te direi o que fazer,

Segue teu coração, ele também sou eu.

Quero estar em silêncio contigo,

Para que tu aprendas a me ouvir,

Para que te libertes da ignorância do mundo,

Lembrando de quem tu és.

Não te percas do caminho do Amor,

Mas se te perderes,

Estende a mão que ali eu estarei.

10. 2. AQUECIMENTO 2 - TRABALHO EM TINTA ÓLEO SOBRE TELA

Entrei em contato com Dionísio em uma noite agradável, tomando vinho e ouvindo música. Escolhi ouvir o novo álbum “Utopia” da cantora Bjork, enquanto começava a pintar com tinta óleo. Costumo pintar temas abstratos há alguns anos, mais pelo prazer do processo do que pelo resultado final. Surgiu a ideia de pintar duas máscaras, já que se trata do deus do teatro. Decidi desenhar as máscaras da comédia e da tragédia. Costumo fazer um aquecimento inicial com música, permitindo que aos poucos a expressão vá aparecendo.

O primeiro impulso foi usar o vermelho chinês, com um desejo que ele cobrisse todo o quadro. Foi prazeroso ver o vermelho do sangue deslizando na tela, manchando o branco, escorrendo. Senti como se estivesse debridando uma ferida necrosada, retirando a necrose e vendo o sangue sair. Também tinha algo de sexual, de carne, de vontade de transar. Depois foram surgindo as máscaras.

A máscara da comédia começou tomando ares carnavalescos, como se quisessem nascer plumas para se vestir em um grande baile. Imaginei-me participando deste baile de máscaras trágico, em meio a uma aristocracia luxuosa e embriagada. Sentia o peso da hipocrisia, da mascarada, como um baile da corte dos contos de fada, da “*Masquereade*” do musical “O Fantasma da Ópera”.

Aos poucos fui me dando conta da presença sombria de vampiros dançando no baile. Lembrei e pus para tocar “*Danse macabre*” de Camille Saint-Saëns. Veio imagens da época em que jogava RPG- Vampiro, onde eu representava um vampiro Toreador, um grupo de vampiros que amam a arte, sedutores cruéis que entram em frenesi no contato com algo muito belo, bailarinos de rosa na boca.

Comecei a sentir a presença de algo muito alegre e sedutor, mas que as vezes ficava sombrio e demoníaco. Era como se a beleza e a alegria, fossem invadidas por algo sombrio. A alegria foi se tornando maníaca, a boca da máscara queria ser rasgada, dando um ar que fez lembrar o *Coringa* do *Batman*, personagem que tenho em um quadro do meu consultório junto com outros personagens de cinema. Um riso debochado e irônico foi invadindo a máscara, impulsos de uma mania destrutiva, da presença de um caos que destrói tudo por prazer. De dentro da máscara algo começou a me olhar e senti a necessidade de pintar dois olhos que passaram a me perseguir. Senti medo e fascínio, uma sensação de estar hipnotizado por essa figura diabólica, mas questionadora dos meus limites.

Tive o impulso de usar o preto e a máscara foi escurecendo e o cenário do quadro também se tornou escuro, às vezes totalmente preto. A mesma sensação de prazer que senti com o vermelho. Senti vontade de pintar uma terceira máscara bem no canto, como que oprimida pelas forças que surgiam, como que sufocada, apenas em preto e vermelho, pensei na humanidade subjugada aos desígnios destes deuses do destino que surgiam na tela.

Depois fui para a máscara na tragédia, ela começou em tons de verde, verde-escuro e verde-bandeira, como se dela quisessem crescer folhas, fiz com que brotassem e tive a sensação de que era o *Greenman* dos celtas, uma divindade das florestas, senti como se o verde fosse crescer e tomar conta de tudo, como uma hera cobrindo as paredes do muro. Pensei: essas devem ser as videiras do deus do vinho.

Comecei a sentir vontade de chorar e decidi pintar as lágrimas na máscara, como que explodindo dos olhos, havia uma sensação de muita vida brotando, mas junto com ela uma tristeza profunda. Pensei, tudo que brota é tão lindo, mas vai morrer. Ela também foi sendo tomada pelo preto e decidi usar o amarelo também. Lembrei de por “*Das Lied von der Erde*” (as canções da Terra) do *Gustav Mahler*, a primeira, “Canção embriagada do sofrimento da Terra”. Fiquei sentado ouvindo. Era a melancolia no silêncio de uma selva, só o urro dos animais ao redor, serpentes, lobos, pássaros da noite, a Lua cheia no

céu. Depois só tive vontade de usar os dedos para pintar, raspar algumas coisas, o prazer de me sujar com a tinta.

O processo levou quase 3 horas, era tarde quando fui dormir. Tomei um banho para tirar a tinta e fui dormir. Registrei o processo no gravador e depois transcrevi.

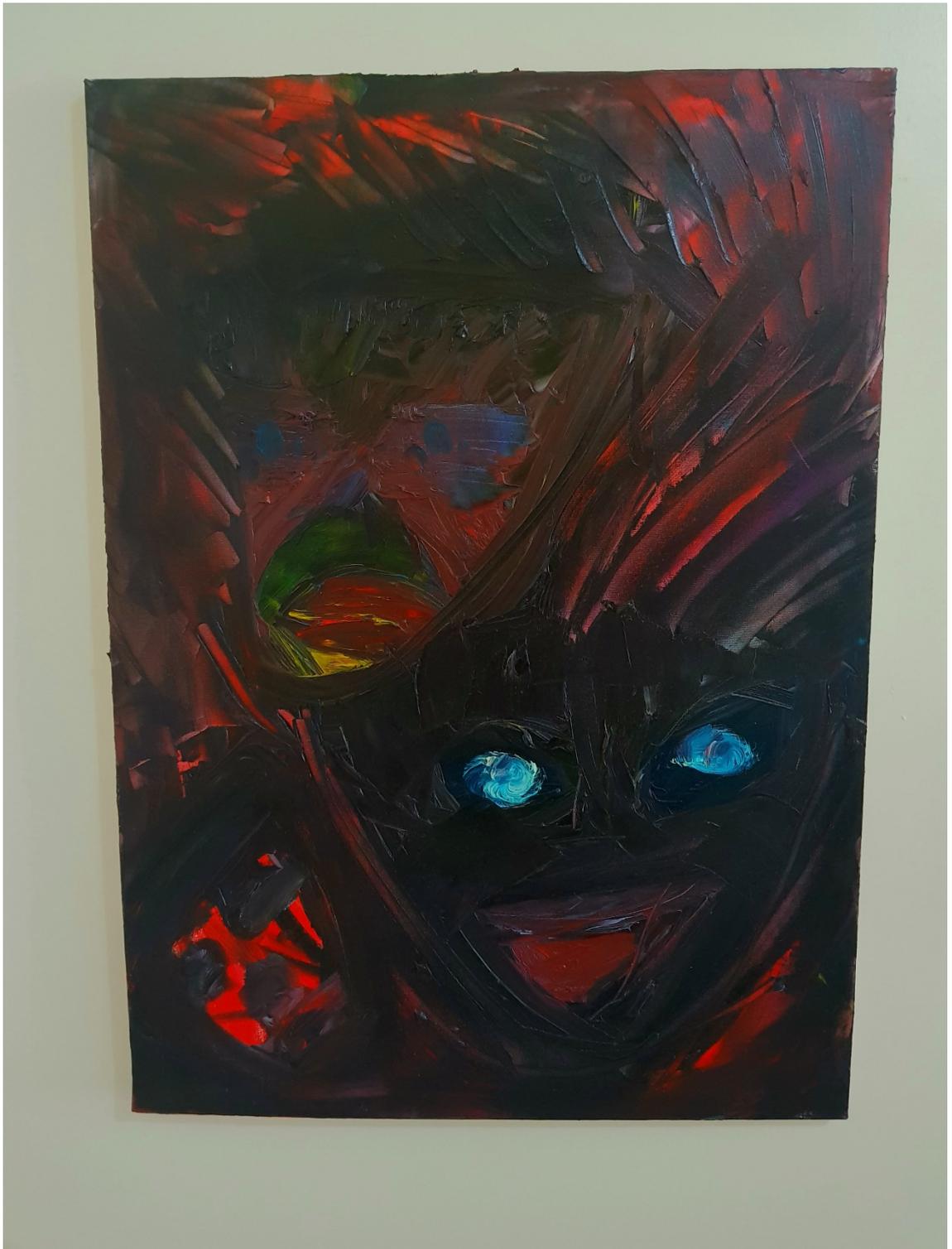


Figura 2. A MÁSCARA DE DIONÍSIO (PERES, Jackson. 2017)

10.3. DRAMATIZAÇÃO : A MÁSCARA DE DIONÍSIO

Pintei o quadro e deixei secando no lavabo por alguns dias. Fiquei olhando meio assustado todos os dias. Teve dias que não entrei no lavabo. Minha diarista achou bem estranho o quadro, me perguntou se eu iria pendurá-lo e eu disse que não, que era uma experiência. Ela disse que se assustou quando olhou para ele.

Depois decidi que era hora de conversar com o quadro, inverter o papel com aquele personagem. A ideia inicial era dramatizar com outros colegas, mas deixei isso para um outro momento. Como não pretendo encerrar este experimento aqui, pretendo seguir este estudo para os outros trabalhos que se seguem no estudo do Psicodrama. A experiência que se segue foi disparadora de muitas percepções e estudos, vários acasos significativos. Sinto que este personagem de Dionísio é um embrião sendo alimentado.

Fiz um aquecimento ouvindo o Réquiem de Mozart em volume alto nos fones de ouvido. É uma música que gosto muito de ouvir em dias de tempestade, sinto que tem nela algo de destrutivo e sublime, como foi meu contato inicial com Dionísio. É uma música cristã, mas sinto essa força apocalíptica em Dionísio, algo que como se a criação paralisada fosse ser julgada para ser destruída, como um juízo final onde tudo recomeça, um *status nascendi* novo, a metapraxis.

*“Dies iræ! dies illa
Solvat sæclum in favilla
Teste David cum Sibylla”!*

(“Dias de Ira, dias aqueles em que os séculos se dissolverão em cinzas, confirmando Davi e Sibylla”!)

Comecei a conversa sentado na frente do quadro, na minha casa. Segue a transcrição da gravação deste dialogo.

EU: Quero conversar um pouco contigo... (Silêncio, não saia nada, não conseguia falar, como se tivesse algo trancando a boca.)

DIONÍSIO: Eu não sei o que realmente ainda pode despertar algum impulso sobre esses seres mortos, sonolentos e arrasados. A humanidade se tornou imprópria para a vida, conservadora, indiferente, apática. Tenho visto muitos jovens entediados, mentes cansadas, rigores que não levam a lugar nenhum, palavras vazias, psicologia clichê de vidas em série. Todo mundo quer ser igual!! Eu não tenho medo de dizer o que eu penso, não tenho medo de que as palavras sejam distorcidas, eu não confio na linguagem, eu gosto de usar a linguagem para confundir, atrapalhar, fazer surgir algo que possa ser novo, que possa fazer alguém reagir. Por que tu não reages, tu não está cansado de ser assim? As pessoas acreditam em tudo que escutam, porque não querem ser responsáveis por nada. Eu vou atear fogo nas escolas, vou decretar a proibição de se assassinar as almas, eu vou dar a força para matar os tiranos do ser. Meu nome é para afirmar a minha glória, o tempo de hoje. Sou um ser dos conflitos, nada pode seguir como sempre foi, decreto guerra os inimigos da vida.

EU: O que é o homem?

DIONÍSIO: O homem é um deus caído que é pura natureza, nele habitam todos os mundos e todos os seres. Ele é uma vida que existe imprevisivelmente e com um destino trágico. A natureza do homem é criar a si mesmo, não há uma forma humana. Conheço todos os homens e não há nenhum igual. Eu fui homem algumas vezes.

Eu gostei de sentir o corpo finito e limitado, gostei de poder transformar o corpo, ser frágil e forte. O prazer limitado me inspira a ultrapassar os próprios limites. Eu pude olhar a vida com consciência e parcialidade. Ver o inseto minúsculo fazendo o esforço enorme de existir e perguntar ainda porque se vive se já se sabe desde que se nasce que um dia se vai morrer. Para o homem ser ele mesmo ele precisa se diferenciar da natureza e nisso ele pode se perder com muita facilidade.

Há homens naturais e há homens monstruosos, quando um homem nasce não é garantido que ele vire homem e não um monstro. Ele é colocado no mundo com uma potência que desconhece, com um destino que ele precisa encontrar enquanto existe, se ele se apressa se perde, se ele demora, também se perde. Nenhum animal tem essa liberdade, nem este desespero para saber porque existe e para que existe. Alguns homens se separam da vida e viram seres do pensamento, um tipo de aberração de tudo que existe, deuses moribundos. Eu te conheci zumbi, senhor no teu pedestal de criações inúteis! Abortos, não é mesmo? Outros eu vi virarem máquinas assexuadas, produtos de sua própria tirania. Vi a morte por fome em meio aos alimentos. Nenhum ser consegue ser tão cruel quanto o homem, acho que nem os deuses. Um deus pune um mortal dando-lhe a fome crônica, um homem deixa o outro morrer de fome porque simplesmente não se importa.

Eu também fui um homem natural, entendi como é viver de verdade, amar e ser amado, viver no meio de tudo que vive, sem querer se apartar e ser um monstro anômalo, mesmo quando ser me causou dor. Vocês podem escolher ser aquilo que vocês já são. Um deus é sempre um deus, mesmo quando ando no meio de vocês bebendo com todo mundo!

Um deus pode achatar um homem, mas vi tantos homens não se importando sequer com os deuses, muita coragem e muita tragédia. Gosto de despertar a loucura nos homens e assistir este espetáculo que é a existência. Gosto de te ver louco e desorganizado, vivendo tantas coisas misturadas. O homem se sente limitado porque não entende que ele é cósmico e o universo todo quer se comunicar com ele, quer crescer e mudar pela força da criação. Muitos que foram além do limite morreram, mas isso não é problema meu, não é mesmo? Eu não quero melhorar ninguém, só quero que o fluxo da vida não pare. É o fluxo que faz brotar a vida. Há muita beleza em tudo que é falho. Leonard Cohen canta “ *Ring the bells that still can ring, Forget your perfect offering! There is a crack in everything ! That's how the light gets in!*” Quero que esse seja o meu hino. E tudo que existe, inclusive os deuses, são imperfeitos. Há beleza em tudo. Tudo está inacabado, na urgência do parto ou na ânsia de seu acabamento. Tudo mesmo!

EU: E o que tu acha quando me vês sendo um psicodramatista?

DIONISIO: Não te prendas ao Psicodrama, ele não é a salvação, ele sequer consegue se salvar na maré de destruição do ser que se aproxima. Ser algo já é abandonar o ser em fluxo, não abandone a vida que brota espontaneamente, não retire o grito de gozo da palavra dita, não diminua a força da vida para que ela caiba em uma teoria qualquer. Foda-se Moreno, ele já deu o que podia, queres ainda mais dele? Colocar ele em um trono e repetir as frases feitas de um mestre morto? Que grande farsa serias se pregas a espontaneidade e te perdes no culto dos ídolos. Eu sou o deus que despedaça a si mesmo, eu me devoro e me alimento, brotam flores de mim, ao mesmo tempo em que apodrecem os frutos.

Mas eu amo o Psicodrama. Farto da ciência comportada, do pensar sem agir. Sabe o que é para um deus ficar observando a miséria dos mortais que desperdiçam o pequeno tempo que tem? Achas que algo é verdadeiro por ser bem organizado? A vida não é tão frágil que não possa arder livre, tomar formas novas e realmente existir. Há muita ciência em um cosmo que nunca é o mesmo. Quando que se inventou que ficar imóvel pode ter alguma vantagem para o ser? Eu não me preocupo com os homens em si, eles são vetores da força que jorra em exuberância pelo universo. Eu me preocupo com os homens que matam o ser, o sufocam, o atormentam com suas cadeias de pensamento, com suas jaulas. Quero estar contigo para incinerar as masmorras do ser.

Como pode existir uma psicoterapia estéril e sem paixão? Tu és dos meus, tem brilho no teu olhar. Eu vejo terapias perdidas em enroscos de palavras, promessas e culpas. Que grande embuste é alguém que ensina o homem a se separar de si mesmo, a construir uma bela casca bem-comportada. Eu sou um psicodramatista, sabia? Tenho vontade de fazer os pregadores do homem bom engolirem sua falsa luz. Dizem para que sejamos otimistas e felizes, dizem que é o certo em ser. Isso é violência contra o ser. Isso é uma ofensa a Dionísio!

Tenho nojo de andar entre homens que escravizam outros, desenhando almas perfeitas, perfeitas prisões limpas. No lodo brotam as ninfeias, na

escuridão também há vida, no veneno da serpente há vida que pulsa em busca de vida. Há terapias que ensinam a morte. Não seja um desses. Não seja um curador que anestesia, tudo que dói é porque está vivo. Crie onde o ser não é, mas não precisas mentir que existe o perfeito e o bom, se ele também pode ser mau e lindo. Antes da ética, a estética – aquilo que não mobiliza, não é.

EU: Quero saber sobre o teatro, quando penso nele fico meio atordoado. Antes de ser psicodramatista eu achava uma arte muito interessante, me deliciava com Shakespeare e Beckett, mas estava fechado para a experiência estética maior, quase uma loucura pensar nela sem os limites que me foram dados.

DIONÍSIO: O teatro é a minha forma mais primária de existência, eu sou o teatro antes do teatro! É a arte em movimento, é o corpo que deixa de ser um corpo mórbido, para ser um corpo com sentido, com vida. O teatro de Dionísio é o teatro que dá vida a vida. Em tudo há o teatro, como uma força que impulsiona o ser a vir a ser, ao dizer-se enquanto carne. A exuberância da vida depende de que boas histórias sejam contadas, seja a história de uma formiga agonizante, seja o triunfo de um deus. Sem o teatro de Dionísio as coisas apenas existiriam, eu lhes dou um destino, um sentido que ultrapassa o próprio sentido. Tudo pode ter uma nova história.

Custastes muito para entender o que o meu teatro significava. Fiquei de relance olhando para ver o que saia. O meu teatro é o próprio ser em protagonismo. Meu teatro carrega todas as potências, do mais infame ao mais sublime e pode tornar o ser mais explícito do que ele costuma se apresentar inclusive para si mesmo. Posso fazer um deus se ajoelhar se for o caso para que a história encontre-se com seu apogeu extático. Vou me ajoelhar diante de ti, neste momento.

Como é ser grande? Como é afagar a cabeça de um deus? (Eu me sinto pleno de uma ternura e de uma vontade de chorar). E se eu decidisse dilacerar a tua cabeça por que tu pensas demais? Eu acho que vou cortar a tua cabeça. Ah, disso tu tens medo? Então porque estas mexendo com os deuses? Há muitos que exigem sacrifícios. Eu decidi que não se deve mais sacrificar nada, não que eu ache que uma vida isolada tenha algum valor sublime, mas

porque é perda de tempo. A morte e a vida são uma coisa só. Deuses que pedem sacrifícios sofrem de problemas de autoestima, eu sinceramente, não os tenho. Vamos cortar a tua cabeça e te dar uma colorida e cheia de adereços. Não te parece uma boa?

Ah, querido, tudo é possível no meu teatro. Teu corpo não tem forma ou sexo definido, podes ser a mãe ou o pai de quem quer que seja. Queres ser meu pai por alguns dias? Que tal transar consigo mesmo tendo vários sexos e tendo vários filhos? Depois tornar-se um bicho e copular na primavera, sentindo o cio sem critica alguma? Morrer de fome abandonado em um abismo? Ser raptado por um alienígena e ir jantar na lua?

O teatro de Dionísio acaba quando o ser desiste. Há muitos inimigos do ser, o pior deles é a segurança e o controle. O teatro das formas acabadas e das frases decoradas tomou conta do mundo. Eu sigo no meio de vocês, porque sou um deus da carne, sou um deus que sabe esperar pelo retorno dos deuses, cada um virá para dilacerar cada um que se opõe a pluralidade da vida. Esta é a peça que estou pensando para a nova temporada.

EU: Você prefere as tragédias ou as comédias? Eu sempre achei as; tragédias mais profundas, tinha em mim uma mania de profundidade. Hoje eu vejo a profundidade das comédias e da alegria.

DIONÍSIO: Acho essas classificações uma bela de uma bosta. O gênio cria, vai um idiota e rotula a criação para por na coleção das coisas feitas. Eu sou um deus das tragédias e das comédias, acho que a vida tem muitas cores e nenhuma delas é melhor do que outra. Sempre tem um para dizer que branco é paz e preto é morte, isso tudo para mim é muita perda de tempo.

A vida é trágica porque tudo que vive tem seu próprio destino. Não existe pecado, existe erro, existe destino. Eu ofereço a liberdade de ser outro, mas não retiro a beleza do trágico em si mesmo. Quem se dá conta do trágico passa a viver a vida como ela se apresenta para ser vivida. A tragédia não acontece com personagens vítimas, elas acontecem com os próprios heróis. Todo heroísmo é trágico. Se você se permitir ser quem você é, prepare-se para a guerra. O mundo não quer a diversidade, tu sabes bem disso. Há muitos

assassinos do ser. Amar o próprio destino é um jeito de viver com dignidade. Nenhuma vítima foi herói. Tu queres ser uma vítima diante da vida? Então nossa conversa não tem muito sentido. Eu te amarei sempre que teu peito se abrir diante do mundo e dar um berro no ser, em rasgar a máscara, em se desfazer da armadura e ir lutar confiante da vitória, mesmo que percas. Há beleza na perda.

A comédia nos dá o maior dos recursos diante dos tiranos do ser: a ironia. Diante dos que te oprimem, sorria. Nisso tu és mestre! Tu és um sobrevivente que aprendeu a rir dos tiranos. O opressor depende do oprimido. Há muita diversão em dizer as coisas pela metade, criar duplos sentidos, confundir as mentes menos abertas. Seja o bobo e fale a verdade para o rei, não é assim? Há um grande triunfo em não ser entendido, em ver a arrogância dos ignorantes. Mas se não for pesado, tudo pode sorrir e ir adiante com alegria. É muito bom tomar um trago com os amigos e festejar, mesmo que a morte lhes seja inevitável. Melhor viver sem tanta filosofia. Aliás, a filosofia veio depois do teatro para congelar a vida, as perfeitas formas de um universo sem sexo! No fim, a grande tragédia é cômica, quanta angustia para acabar um cadáver maquiado em um caixão cheio das flores que te darão e tu não poderá ver.

EU: E as bacanais? E o amor?

DIONÍSIO: Safado, eu sei que estás interessado em putaria, quanta repressão não é mesmo? Eu sou natureza, e não há esta moral na natureza. Tudo que frutifica é a favor do ser. O sexo nunca diminui o ser, sempre o exalta. A carne se amplia de sentido, o corpo se torna corpo no encontro com o prazer em ser. É um pavor ter um corpo que não goza, é um tipo de morte. Cada um deve descobrir seu caminho para o prazer, não há regra alguma para a vida encontrar formas de ser. É muito triste que o homem tenha visto no sexo um tabu. Acho engraçado o quanto de proibição se criou para o corpo sentir prazer e dar prazer para outro. São carnes que se encontram para serem mais. Um, dois, três, vários, quanto mais se vive, mais colorida é a vida. Mas isso deve vir de um grande amor por si mesmo, não de um ato destrutivo de entrega sem retorno. Não dê pérolas aos porcos!

Amor é experimentar a vida como ela é, encontrar-se a cada momento com o mundo. O homem tem vivido em desencontro constante, porque cria coisas que não existem e não fazem falta. O ideal destrói a possibilidade do encontro. Fórmulas da felicidade. Fórmulas para o amor. Fórmulas do previsível, do possível, fórmulas de bem morrer. Não, obrigado!!

Fidelidade é encontrar muitas vezes com a mesma pessoa e poder compartilhar vida em cada encontro. Muitos compartilham morte, doença, abusos e isso não tem nada a ver com estar com uma ou com dez pessoas. Muitos vivem juntos, cada um em sua bolha, nem o ar compartilham. O egoísta não pode amar, nem o altruísta. Amor é encontro. Podes ter dez anos de vida ou dez anos de morte com alguém. Amor não tem receita, se tem é outra coisa, é morte. Tão hipócrita ver maldade nas minhas bacanais, não há nada de mal em dar e receber prazer. Há animais monogâmicos, poligâmicos, heterossexuais, homossexuais, mas não há animais assexuados! A vida é contra a esterilidade e sou contra tudo que esteriliza ou acha bonito o desperdício das coisas virgens e intocadas. Que cada um possa viver o seu destino no ser com esplendor! Sexo e amor são uma mesma coisa, quando não são, sugiro que procures algo mais vivo para fazer. Amor é hoje, porque não se pode esperar para amar frente a finitude. A natureza tem ânsia de multiplicar amor, porque amor é potência e exuberância, ela precisa sair ganhando sempre!

EU: Mas e o que é a morte?

DIONÍSIO: A morte é algo que se inventou para limitar a vida, é uma criação humana. Para a vida, tudo afirma a vida, inclusive a finitude de tudo que há. Se tudo fosse eterno a existência não teria sentido. O homem só existe porque morre. Não há vida após a morte, mas há morte em cada vida. Os contrários convivem. A morte que deve ser combatida é o desejo de eternidade dos que não querem viver a vida que tem. Toda a matéria tem o mesmo destino, toda carne se despede um dia. Não queira ter uma alma, a alma é uma prisão para o ser, é o ser barrado pela culpa e pelo medo.

Um sábio diz que uma alma boa deve fazer isso ou aquilo para ser boa e neste mesmo instante uma parte do ser apodrece. A morte não é uma passagem para nada, ela é um estado de ser. Se decidires ser um cadáver, pelo menos seja o melhor cadáver que puderes ser. Há muitos cadáveres arruinando o florescimento do ser. O mundo fora deste mundo é uma grande farsa. Podes criar o mundo que quiseres no meu teatro, mas não fique esperando pela aposentadoria para começar a viver. O tempo é uma grande falácia! Podes criar quando quiseres, o que quiseres! Não tenha tanta certeza da eternidade, quem perde muito tempo com ela é porque tem muito medo de estar vivo de verdade.

EU: Às vezes eu me sinto muito cansado de morar no Brasil. Fico cansado de ver como tantas coisas mortas seguem vivas por aqui, como se o tempo tivesse parado.

DIONÍSIO: O Brasil seria uma terra onde eu poderia habitar com alegria. No Brasil as dimensões do trágico e do cômico estão muito vivas. Mas tenho detestado ver como vocês tem se tornado limitados e incapazes de verem o quanto grandes vocês são. Detesto o complexo de humildade e filho bastardo que está em vocês. Até quanto vocês serão filhos de Portugal? Até quando esta estética do lixo, do maltrapilho, da saudade de algo que nunca existiu? Tu és tão brasileiro!! Eu amo o carnaval, é a minha festa! Mas o carnaval do amor, da máscara do amor. “ *A mesma Mascara Negra que esconde teu rosto... eu quero matar a saudade! Vou beijar-te agora! Não me leve a mal, hoje é carnaval!*”! Imagina um mundo que funcionasse assim? Sem essa culpa de estar vivo e viver o momento. Eu estou na tristeza e na alegria do palhaço, dou vida a cada Arlequim! Ainda sou aquele Pierrot, mas sou outro! Aliás, onde anda o teu palhaço que não vi mais por aí?

Vocês estão intoxicados por fundamentalismo religioso e corrupção, o carnaval acabou. Tem um trabalho grande de destruição a ser feito e isso me alegra muito. Começaria por colocar fogo em Brasília, aquela cidade artificial, planejada, com todos aqueles políticos queimando dentro das salas trancadas. Fazer grandes fogueiras com a burocracia. Acordar os sexos, fazer a hipocrisia da aristocracia aparecer em sua verdade, dar voz aos adultérios e a

prostituição. Depois faria milagres nas igrejas, mostrando toda mentira que as formam. Reviveria Cristo só para assustar esse povo! Esse povo que vive como ovelhas é indigno desta terra onde tudo brota com exuberância. Gosto da alegria dos terreiros, das forças dos orixás que brotam da terra, eu ando por lá. Eu ando onde houver cor, calor e vida, eu estava com os índios muito antes de toda essa morte... Dancem em círculos ao redor das fogueiras!

Como pode alguém passar fome em um lugar que deveria ser meu reino? As vezes vocês são muito patéticos, muito Carmen Miranda e Jovem Guarda. Deixaram os assassinos da vida tomarem conta de tudo. “Viva a mata, ta, ta ...Viva a mulata, ta, ta, ta, ta....Viva a mata, ta, ta...Viva a mulata, ta, ta, ta, ta”....

EU: Que conselho tu me darias?

DIONÍSIO: Te vejo desperdiçando vida em viver no passado. O passado não tem valor para um verdadeiro criador. Eu sou só o agora, porque tudo já foi e tudo será. Tudo que te impede de criar deve ser destruído. A tragédia habita em ti com muito poder, há muita beleza nisso. Não faça mais papel de vítima, é clichê. Teu destino é ser um performer da vida, não um ator de quinta num teatro repetindo as falas de um autor moribundo. A diferença é o matrimônio do divino com o homem, se tu fosse o que previsivelmente se espera de ti, eu te enlouqueceria. Te enlouqueci quando precisou. Há muita vontade em um homem amar outro homem, é poético e cheio de prazer. É a vontade que nos faz divinos, não há erro no que é vivo. O corpo é o teu caminho, segue conquistando teu corpo, enche-o com prazer, chega de dor. Eu não sou um deus que protege, quando tu vieres comigo fique do meu lado, lute e talvez tu venças, o que eu te dou é a potência de destruir e construir. Se tu quiser ser, lute. “A mão que afaga é a mesma que apedreja”.

Conversando contigo eu me senti meio pesado. Eu sei que tu estás com muito medo de mim, eu te tiro do eixo. Eu gosto tanto de te ver alegre e vivo. Não me leve a sério, eu não me levo. O que eu digo hoje eu posso dizer o oposto amanhã. Abre a cabeça para o mundo, nunca mais fique na jaula do teu pensamento. Nada substitui a vida, nenhuma filosofia, nenhuma religião,

nenhuma teoria. Vá se divertir, não perca tempo comigo! Te amo profundamente por tu seres quem tu és, muita escuridão e muita luz, sem alma e muita paixão!

Então, fui me sentindo mais leve, sem tanto medo, fui desaquecendo, senti que não conseguia falar mais, embora tivesse preparado outras perguntas. Foi como se aquela sombra meio diabólica tivesse sido complementada por alguém divertido e que eu tolero conviver. Me senti abraçado, em paz, uma sensação boa de despedida.

10. 4. COMPARTILHAR

A experiência de dialogar e inverter o papel com Dionísio foi muito intensa, perturbadora e um pouco desorganizadora. Passei dias meditando sobre o sentido das palavras que vieram tão espontaneamente, esta sensação de ter estado em contato com algo transcendente e que habita no meu ser também. Durante a dramatização tive a sensação de que meu corpo estava coberto de plantas enroscadas como videiras, como um fluxo de vida brotando ininterrupto, uma sensação de prazer sexual e estético. Vieram imagens de plantas crescendo rapidamente sem um sentido definido, botões se abrindo, mas mais que essa imagem, uma sensação de algo erótico contido nela.

Comecei a sentir o quanto o meu moralismo ainda habitava minhas condutas e depois também um sentimento de que tudo pode, que me fez olhar novamente e ver que as coisas não são bem assim. Comecei a sentir um profundo incomodo com as conservas culturais, como um grande desperdício de energia vital, mas não queria que tudo se perdesse em um fluxo ininterrupto. Tive momentos que senti raiva, tristeza, vontade de chorar, alegria, esperança e desilusão. Em alguns momentos senti vontade de desistir da conversa.

Entrei em contato com uma natureza mais brutal e violenta, sem fundamentos mecânicos, sem leis gerais, mas algo conectado, enroscado com o mundo material. Gostaria de descrever isso melhor, mas é como se enquanto eu conversava com ele, várias imagens e sensações fossem aparecendo. Senti como se eu não estivesse no mundo antes e estivesse entrado.

Na minha formação de psicodramatista e na minha psicoterapia pessoal sempre veio esta imagem de um corpo pequeno com uma grande cabeça, o que tornava difícil a locomoção. Acho que ao longo do processo, fui transformando meu corpo, descobrindo minha musculatura e presença material do mundo, fora uma abertura maior da sexualidade e das possibilidades de ser de um modo geral. O diáfano se tornou mais material e minha poesia se voltou mais para a terra que para o céu. Foi surpreendente que neste fechamento da monografia a questão do corpo, ao trabalhar a espiritualidade, tenha tomado

um primeiro plano. Não um corpo biológico, mas um “corpo vivo” nas palavras de Nietzsche.

Nietzsche esteve nas minhas reflexões o tempo todo depois da dramatização. Tive vontade de ler sobre suas questões, sobre a fundamentação da metafísica e da crise do cristianismo como uma crise dos valores e do fundamento. Fiquei tentado a ampliar cada vez mais esta monografia e trabalhar os inúmeros temas que o contato com a dimensão dionisíaca me possibilitou. Penso em um trabalho mais detalhado destes aspectos. Na verdade sinto que um fluxo de pensamento foi desbloqueado, passei a ver a possibilidade de criar várias estratégias para meu estudo do psicodrama, de um jeito muito pessoal .

Percebi que me encontrei com os temas que me parecem relevantes, uma arborescência que me levou a mergulhar nos meus livros e antigas anotações, a estudar arte e filosofia, uma dimensão do meu ser que estava adormecida nos últimos anos. Acho que reencontrei o jovem estudante de medicina adolescente que buscava a “filosofia” para compreender melhor a humanidade.

Muitas idéias foram associadas ao discurso de Dionísio, algumas me levaram a refletir sobre o teatro, sobre a filosofia, sobre a compreensão do humano. Tive a sensação de que alguém expressava melhor algumas das minhas idéias, como se livre de críticas, em outras discordei dele e outras foram como novos espaços se abrindo para reflexões.

Senti que Dionísio parece bastante cansado da sociedade da conserva, da apatia e da repetição que se tornou a vida contemporânea, minha própria vida. Concordo com ele nisso, penso que vivemos em uma sociedade que valoriza muito a réplica, a cópia e a falta de autenticidade. Também carrego comigo uma suspeita sobre os discursos e sua incoerência com a ação, há um risco na proliferação de discursos que ameaçam a diferença. O processo de escolarização como ocorreu comigo e com muitas outras pessoas que conheço foi um tipo de limitação da liberdade de ser e da espontaneidade.

Quanto ao Psicodrama, surpreendeu-me o jeito com que ele me falou do meu projeto psicodramático, esperava que ele começasse elogiando, começou destruindo. Mas depois concordei com ele de não tomar o Psicodrama como uma conserva cristalizada, que era algo que parecia que eu estava fazendo naturalmente no meu role taking. Eu penso que se deve ser mais conservador antes de se desconstruir algo.

Percebi como foi importante meu diálogo constante com meu Moreno ao longo do meu trabalho, como alguém que inspira e oferece certa segurança, mesmo que ilusória. Dionisio trouxe-me a caracterização de que como psicodramatista sou um “defensor do fluxo do ser”, concordo com isso. Mas não concordo que a estética sempre anteceda a ética, em alguns momentos há uma urgência ética para garantir a vida e proteger o outro, mesmo contra a sua vontade. Lembro da minha tristeza em ter que conter os clientes psicóticos ou suicidas, amarrá-los e privá-los de sua liberdade para que pudessem se recuperar e seguirem em frente. A beleza da loucura é inebriante, mas é necessário o limite que vem de um domínio ético.

Achei bom ele lembrar-me de sair sempre do território da vítima e ir em busca de novos protagonismos. Durante muito tempo, assumi muito este papel da vítima da vida, o que realmente me fez muito mal. Tem sido com o Psicodrama que tenho descoberto meu protagonismo e a vontade de criar coisas novas.

Mas, teve um outro aspecto que foi muito interessante. Senti um pavor e um medo que permearam bastante esta dramatização. Sentia um fascínio meio assustador. Também entrei em contato com minhas sombras, com algo psicótico e destrutivo. Penso em algo corporal, como se tivesse algo dentro querendo explodir. Ao mesmo tempo em que sentia uma força muito grande de criação, tinha algo de violento, sombrio, debochado, como se duvidasse que a minha vida vale alguma coisa neste panorama onde a vida é só vida. Percebi também uma imagem ligada a algo mais diabólico e louco, algo tomou conta dos meus pensamentos.

Refleti muito sobre o papel desta dimensão trevosa e pesada que acompanha a minha vida. Penso que não necessito mais fugir dela, embora eu ainda me assuste. O Psicodrama devolveu-me a alegria de viver, de compartilhar, de me sentir reconhecido como eu sou. Eu também sou uma pessoa com um fascínio pela escuridão e não apenas pela luz, não apenas a alegria, mas também a melancolia fazem parte do meu ser e hoje entendo que ela não irá embora. Há muita vida escondida nas sombras, há seres belíssimos habitando a profundidade das cavernas e do oceano profundo.

Talvez isso tudo me assuste por ter sido ensinado a deixar a arte passar distante de mim como algo que eu não devesse levar a sério. Se eu a seguisse, não teria o tal futuro planificado, a receita de bolo para a vida, a conserva cultural do "bom rapaz". Fico pensando se não fui acostumado a construir uma fantasia de ver a liberdade como algo diabólico e temível, que me enlouqueceria se exercitada plenamente.

Enfim, achei esta experiência bastante válida para minha formação psicodramática. Sinto que aqui se abriu uma interessante porta para um mundo da religiosidade pagã e do pré-filosófico, muito próximo do que compreendi com a metapraxis proposta por Moreno.

10.5. PROCESSAMENTO

Percebo que o mais difícil para o ato dramático foi o aquecimento e a preparação interna de como lidar com o objeto de estudo. Fui aos poucos permitindo-me entrar em um campo relaxado para que a dramatização não perdesse o sentido e entrasse em uma mera racionalização ou um teatro mimético. Algumas vezes pensei em desistir e recomeçar tudo.

Utilizei vários recursos para o aquecimento, como a poesia, o aquecimento químico com vinho, a música e as artes plásticas. Vejo neles recursos valiosos que pretendo inserir mais nas minhas práticas. Percebo que acabei utilizando uma metodologia mais contemporânea e permiti que o processo fosse acontecendo de forma mais orgânica e conectada com o meu cotidiano. Houve dias, por exemplo, que pensava em trabalhar e sentia que ainda não era o momento.

Acho que tecnicamente o Psicodrama foi bem realizado e cheguei a mais resultados do que eu esperava inicialmente. Pretendo seguir a pesquisa por outras formas, principalmente levar ao campo da dramatização com a presença de um diretor e de um ego auxiliar, acho que isso dará ainda mais substância para o estudo. Ainda não me senti pronto para isso, mas é algo já planejado desde o começo.

Considerar o humano um “ser da natureza” pareceu-me interessante. Mas a natureza dionisíaca, para mim, é uma natureza que não se estabelece exclusivamente através de leis, senti que é o próprio ser em criação, sem a diferença entre uma natureza biológica e cultural. “Natureza” me parece ter um sentido mais holístico do que algo que se contrapõe à cultura, já que o homem é um ser que muitas vezes cria a si mesmo. Sinto que essa dimensão traz o humano para um território que não é somente racional, assumindo que existem tanto formas simétricas como assimétricas naturalmente. Com isso, há uma ruptura com um modelo do deus relojoeiro da natureza e do homem ser parte deste sistema mecânico fechado, absorvido por suas leis.

Neste ponto, há uma ruptura total com modelos que buscam uma categorização e uniformização da conduta humana. Discordo de um rechaço total às classificações porque também compreendo que trabalharmos com categorias tem seu valor, mas sei que isso também não pertence ao seu domínio do ser, que é a constante mudança. Guardo comigo então, um olhar atento para categorizar apenas o que realmente for possível e necessário. Lembro-me das discussões dos filósofos pré-socráticos, principalmente de Heraclito de Éfeso que reforça a natureza impermanente do ser e a força dos contrários no mundo.

No Psicodrama, vejo como positiva a liberdade de trabalhar com o cliente sem um foco em seus sintomas e sem um determinado diagnóstico categorial estatístico, mas não que isso não seja importante em determinado momento, dentro de outra lógica. Talvez, essa seja uma liberdade que em mim venha de Dionísio.

Fiquei também pensando muito sobre a transexualidade, de uma transformação humana da própria biologia considerada divina e imutável, bem os papéis conservados cristalizados de gênero do masculino e do feminino. Fiquei pensando sobre o aflorar cada vez mais presente de híbridos de homens com máquinas e programas de computador, gerando a impossibilidade de um discurso que funda o humano em uma suposta e definitiva forma. Senti como se eu tivesse várias sexualidades e passei a ver vídeos de artistas de todos os tipos, como se essas conservas de gênero se tornassem ainda mais livres em mim.

Acho que a espiritualidade no campo dionisíaco se localiza bastante no corpo, na existência. Tenho percebido o quanto é importante na minha prática trabalhar com um corpo que conta uma história. Um "corpo vivo", como nos propõe Nietzsche, um corpo que existe neste mundo e que se conecta com sua narrativa, apropriando-se dela, tornando-se criador de si. Hoje acho doentio um ser humano que se perde em seus pensamentos não conseguindo dar sentido a própria vida. É um deus que pode habitar a carne, que se faz matéria e através dela, potência.

Ele é um deus que não carrega consigo as questões da ética e da moral de forma muito clara. Senti que neste domínio do ser é muito fácil se perder, pois ao afirmar absolutamente a potência de si, tocando em aspectos narcísicos, o contato com o outro pode ficar prejudicado. Ele não é um deus que põe limites ou restrições ao ser, por isso senti que há nele algo de destrutivo e psicótico se colocado no contexto errado. Depois da conversa fui atrás de outras fontes sobre Dionísio para utilizar seu discurso. Achei textos interessantes.

No teatro, li a peça "As bacantes" de Eurípedes. Nesta peça, Dionísio é protagonista, vai a Tebas em busca de vingança ao ficar sabendo que as irmãs de sua mãe Semele levantaram suspeitas de que ele não era filho de Zeus, assim como a proibição do rei Penteu dos cultos de Dionísio. Dionísio leva as mulheres ao frenesi e elas vão para o monte Citeron em ritos dionisíacos orgiásticos. Avisado por todos, o rei Penteu humilha o deus e depois tenta participar de seus rituais disfarçado de sua sacerdotiza, uma bacante. Na loucura que provoca, Dionísio faz Penteu ser degolado e esquartejado por sua mãe Agave, suas irmãs e suas companheiras que se iludiam de que lutavam contra um leão. Por fim, a mãe Agave entra triunfante com a cabeça do filho nas mãos, achando que se trata de um leão, até se dar conta do destino trágico de sua família.

Lendo esta peça entrei em contato com esta possessão psicótica que pode vir com Dionísio e acho que senti um pouco disso principalmente na pintura do quadro, esta sensação do ser dilacerado.

“Dionísio: À terra de Tebas venho, eu, Dioniso, de Zeus filho, a quem outrora deu à luz Semele, filha de Cadmo, pela chama do raio assistida. Alterando para mortal a feição divina, junto estou à nascente de Dirce e águas de Ismeno; o túmulo de minha mãe, a fulminada, vejo, ao palácio vizinho, e as ruínas da sua morada, do fogo de Zeus uma chama ainda viva exalando, imperecível cólera de Hera contra minha mãe. A Cadmo exalto, que em solo inviolável o túmulo da filha tornou; de pântano eu o cingi, em verdura e cachos abundante. Da Lídia e da Frígia, os campos ricos em ouro deixei; da Pérsia, os planaltos batidos de sol; de Bactria, os muros; em funesta invernia, o país dos Medos; e a opulenta Arábia percorri e a Ásia

toda, que ao longo do salgado mar jaz, com Helenos a bárbaros associados, senhora de copiosas cidades de belas torres; para esta cidade dos Gregos logo me encaminhei, depois de ti ali instituídos meus coros e ritos, para aos mortais como deus me revelar". (EURÍPEDES, 2005, p. 205)

Ao ler sobre sua origem, percebi que Dionísio é um deus estrangeiro ao próprio panteão grego e chama atenção sua necessidade de legitimação da figura paterna, que lembra a biografia de Moreno em sua busca de reconhecimento do pai. Dionísio não queria que houvessem dúvidas que era filho de Zeus, mesmo que para isso tenha colocado o palácio de Tebas aos pedaços.

Também relacionei Dionísio com certo aspecto marginal que é característico do Psicodrama. Há nele uma constante participação ativa no crescimento das psicoterapias e ao mesmo tempo sua exclusão por ser visto com certo exotismo, fascínio, medo e com limites para dialogar com o *status quo* acadêmico. Sinto complicada sua inserção, pois há sempre um ponto que sua originalidade se torna ameaçada, e como isso pode degenerar em conserva cristalizada .

Para mim, o Psicodrama foi até o momento o único espaço em que consegui trabalhar de forma transdisciplinar efetivamente, sem precisar ponderar barreiras entre ciências humanas, exatas e biológicas; ciência e arte; subjetividade e objetividade e ainda, trabalhar seguro sem perder a possibilidade de um trabalho sério e coerente,

Sobre questões éticas, no domínio de Dionísio percebo uma ética ligada a uma visão de homem que difere tanto de uma ética dialógica judaica quanto da moral cristã. Neste campo o conceito de "pecado" não é aplicado, pois não se estabelece um domínio moral do bem e do mal, mas há os elementos do trágico.

A "*hybris*", a postura desafiadora humana aos deuses, constitui o "erro" (*"hamartia"*) e conduz toda a trama trágica. O herói trágico luta por algo que acredita e nisso ultrapassa limites entre os homens e os deuses. O "brincar de deus" psicodramático como coloco neste trabalho seria um tipo de desafio aos

deuses, que nos coloca diante do trágico. Percebo que nossa forma diversa de trabalhar pode ser julgado pouco científico ou insano, como muitas vezes Moreno parece ter sido julgado.

O "erro", a "*hamartia*", é um evento que não se localiza no sujeito, mas no ser e tem repercussões para toda a sociedade. O elemento grupal é nitido no campo de Dionísio. A noção de sujeito não é a tradicional, o homem para o meu Dionísio é um ser cósmico, ilimitado por um lado e limitado em sua finitude.

O homem trágico tem que ser um homem médio para que possa corresponder em nossa humanidade. Segundo Albin Lesky, "*o homem que é vítima da queda trágica não pode ser, segundo Aristóteles, nem moralmente perfeito, nem reprovável*" (LESKY, 2015, p. 43). Ele não está no território do santo, nem do vilão. Não há a separação entre um bem e um mal, o que nos desloca de um território da paranóia.

Lembro de várias dramatizações onde a escolha de uma postura dual era justamente o que empobrecia a capacidade de escolha do protagonista e sua possibilidade de se relacionar com o outro de uma forma mais télica. E ainda, percebo que no campo dionisíaco não estamos lidando com uma falha de caráter, não é um protagonista pecador, mas sim um herói trágico em busca de afirmação da liberdade do ser.

O trágico parece ser um elemento essencial do domínio dionisiaco e fui pesquisar sobre isso. Nisso encontrei algumas reflexões que percebi relevantes. Na "visão cerradamente trágica do mundo", Albin Lesky, a descreve como "*uma concepção do mundo como sede da aniquilação absoluta de forças e valores que necessariamente se contrapõe, inacessível a qualquer solução e inexplicável por nenhum sentido transcendente*".(LESKY,2015, p. 38).

A tragédia se coloca como um território profundamente humano, além do bem do mal, num contraste sem solução. Penso que talvez por isso Platão, pai da dialética, atacava os artistas, por ver neles esta convivência da luz e da sombra, para além do mito da caverna e de qualquer dialética.

Penso que a tragédia se fortalece em Moreno principalmente com a troca do ator representante de um personagem para um ator protagonista existencial. Ser quem se é carrega sempre consigo um aspecto de contrariar as massas, de ir contra os determinismos e se colocar como protagonista.

A catarse de ab-reação que é característica do trágico grego localizava-se na platéia, que ao se identificar com o herói trágico se humanizava. Há no Psicodrama um elemento curativo integrador maior e mais importante, a experiência existencial da catarse de integração, que pode tocar a todos os participantes, principalmente o protagonista.

Acabei lendo mais Nietzsche e associei o protagonista dionisíaco com o que Nietzsche chama de "amor fati", o amor ao Destino, que brota da possibilidade de considerar a vida como um projeto existencial em construção com o contexto onde se está, como imanência. Dionísio me parece trazer uma dimensão profunda da imanência e uma negação da transcendência completa ao declarar tudo provisório. O "*amor fati*" é uma postura diante da vida, ele busca acolher a vida como ela se apresenta, mesmo em seus aspectos mais dolorosos, mesmo na mais absoluta repetição (do que chamou de "eterno retorno"), é o que o filósofo reconhecia como um "dizer sim a vida".

Nietzsche descreve Dionísio como

"um deus-artista completamente considerado e amoral, que tanto no construir como o destruir, no bom como no ruim, quer aperceber-se de seu idêntico prazer e autocracia, que criando mundos se desembaraça da necessidade da abundância e superabundância, do sofrimento das contraposições nele apinhadas". (NIETZSCHE, 2007, p. 16).

Na conversa com meu Dionísio, percebi que não há nele uma busca pela evolução do homem, para que ele se individualize e melhore, há apenas uma busca de um fluxo que deve seguir para que a vida não se cristalice, um fluxo contínuo de espontaneidade. Talvez nessa teodicéia vemos uma luta contra as conservas, mas também momentos em que pode se tornar destrutivo, como Moreno fala sobre Nietzsche, destruindo mas sem colocar nada em seu lugar.

Dionísio me trouxe uma defesa pela incompletude e pela imperfeição, uma divindade que se afasta de todas as outras, de mundos perfeitos, de panteões nobres. A idéia desta incompletude me pareceu muito interessante, como se tudo estivesse aberto para um possível diálogo, mas não percebi nele uma busca por um melhoramento ou um futuro planejado. Ele se apropria da realidade em uma visão estética da vida, onde uma catástrofe pode ser bela em alguns aspectos, mas sem ponderar uma repercussão ética no momento percebido.

Senti alívio com uma divindade sem exigir sacrifícios, uma característica dos ídolos. Acho isso uma característica do Psicodrama: há a possibilidade de uma busca constante de diálogo com o mundo. Não há fechamento na teoria psicodramática para o diálogo com todas as outras áreas. O Psicodrama em algumas abordagens parte da Fenomenologia, sem uma arrogância diante da verdade que precise ser defendida a qualquer custo e sua prática não visa reafirmar sua própria teoria tautologicamente, como acontece com algumas psicoterapias.

No teatro, fui em busca deste teatro dionisíaco antes do teatro e tenho lidado com a questão da mimese e da anti-mimese, descobri no teatro contemporâneo, principalmente nos estudos sobre artistas performáticos, uma aproximação muito interessante e próximo das críticas de Moreno.

Na Filosofia, dei-me conta de que quero voltar a estudar os pré-socráticos, principalmente Heráclito de Éfeso e a questão dos contrários. Bem como, os temas da pós-modernidade, da questão da busca por um fundamento e dos estudos filosóficos da religião. Tenho lido textos de Gianni Vattimo que falam sobre a questão religiosa do homem contemporâneo dentro do processo civilizatório ocidental e das tantas propostas de diálogo e tolerância que se necessita percorrer para a construção de novas pontes entre saberes e formas distintas de ver o mundo, “verdades frágeis”.

Tenho refletido como é para uma pessoa poder trabalhar com lógicas distintas, respeitando a teoria do momento e a fragilidade de todas as possíveis

verdades que povoam nossos discursos, e assim, tolerar para compreender as muitas ações que podem não concordar com eles.

Imaginei um processamento muito maior, mergulhando nas várias referências bibliográficas que me vieram a mente. Pensei em Emerson, Walt Whitman, Unamuno, Nietzsche, Deleuze,... nos trabalhos sobre performance teatral, nos estudos sobre o trágico. Fui lendo e a pilha de livros só cresceu. Deixei as sementes plantadas, mas me dei conta de que já estou em outro projeto e que é necessário dar um limite para esta bela experiência de monografia.

11. CONCLUSÃO

Concluo a presente monografia bastante satisfeito com o seu resultado. Os vários meses de estudo que dediquei a ela foram bastante produtivos e me abriram portas não apenas intelectuais, mas existenciais. Percebo que consigo ter uma visão mais ampla das questões morenianas, bem como tenho me apropriado de sua teoria de uma forma mais pessoal e contextualizada com outras áreas que tenho interesse.

Percebo que a obra de Moreno combina muito com o século XXI. A teoria moreniana consegue lidar com categorias mais fluídas, colocar-se mais na ação do que no discurso e não tem o apego aos modelos estruturais e às verdades inquestionáveis. Quero muito ampliar meus campos de leitura, sinto-me mais tranquilo para começar a dialogar com outros autores do Psicodrama.

Em alguns momentos do estudo, percebi que Moreno ainda estava ligado ao projeto da modernidade e da renovação do homem, um reconhecimento de certa “majestade” no mundo. Entretanto, percebo um aspecto que é bastante contemporâneo, que é a ênfase muito maior na responsabilidade e no senso de comunidade do que no projeto humanista do homem autônomo, emancipado e egocêntrico. Moreno parece antecipar muito o paradigma contemporâneo, com modelos relacionais e a limitação dos discursos.

No meu entendimento, o divino para Moreno só é possível a partir de uma categoria do transcendente e do reconhecimento da potência em cada ser humano para esse vínculo. Penso que pode-se facilmente cair em uma simplificação do divino em Moreno, propondo-se de que o homem para Moreno é um deus, o que tornaria seu pensamento um resto narcísico da modernidade, que ainda não reconhece o ser e a alteridade. Prefiro pensar na potência e no fluxo da espontaneidade a partir da existência vital encarnada, que por esta presença, pode ter acesso ao domínio do sagrado e se enriquecer com ele.

Mas, diferente de uma postura medieval, o ser humano ocupa dignamente e com responsabilidade um lugar de co-criador.

Penso que é minha tarefa de psiquiatra, enquanto psicoterapeuta, poder auxiliar o meu cliente em sua busca pessoal pela espiritualidade e até mesmo, abrir as portas desta possibilidade de ser. Acredito que este fechamento se relaciona a uma formação neurótica, uma resistência infantil ao crescimento e a responsabilização pela sua própria tarefa no mundo. Penso que não devemos ajudar nossos clientes em uma tarefa de adaptação a um mundo que muitas vezes viola a sua própria humanidade, mas ajudá-los a encontrar sentido para o que se vive, dignificando sua vida e justificando para si mesmo a sua existência criadora e disposta ao desconhecido.

Acredito que a monografia deve ser mantida na formação, mas além dela, sugiro que deve-se apresentar um portfólio final com todas as atividades desenvolvidas com Psicodrama desde o início da formação. Fico orgulhoso da quantidade de processos que meus colegas de grupo e eu produzimos nestes três anos e gostaria de vê-los reunidos e avaliados com o amadurecimento que tivemos durante a formação, visualizando o processo e não apenas a finalização.

Pretendo seguir estudando Psicodrama, encontrei nele a resposta para antigas questões e uma metodologia que dá conta de estudar muitos temas na contemporaneidade, discutindo e problematizando com várias outras áreas do conhecimento. No campo dos estudos da religião, pretendo mergulhar no judaísmo de Martin Buber, descobri textos incríveis deste autor e sua questão pelo diálogo, assim como, pretendo estudar o cristianismo pela via do pensamento de Thomar Merton, um monge contemplativo católico que produziu um interessante trabalho inter-religioso, no interesse de compreender o Oriente. De certa forma, com eles concluo o projeto inicial da monografia, mas ainda não me pensei as ferramentas metodológicas para isso.

No campo do Teatro, matriculei-me em um curso de formação de palhaços, nessa busca corporal que identifico necessária para minha vida e formação. Vejo na figura do *clown* uma profunda humanidade com a qual quero me conectar cada vez mais.

No campo da Filosofia ainda não me decidi como pretendo me inserir. Penso em fazer um mestrado ou a própria graduação, quero aprofundar meus estudos, principalmente no campo da ética e do pensamento pós-estruturalista.

Ao finalizar, reforço que acredito que com o multiplicar-se de seitas religiosas fundamentalistas pelo Brasil, devemos nos dar conta do quanto os profissionais da saúde mental trabalharam pouco no sentido da construção de um paradigma contemporâneo que contemple a questão do sentido da existência humana.

Vejo muitos brasileiros desesperados acolhidos por qualquer messias que diga que a vida não é apenas miséria, ou seja, ainda não conseguimos encontrar o sentido psicodramático do homem como protagonista. Na minha percepção, vivemos tempos sombrios do retorno de pesadelos que víamos como superados, como o retorno da ditadura e à perseguição de grupos específicos.

Entretanto, algo me alegra. Ao invés de produzirmos textos falando de uma crise sem solução, de um mal-estar sem fim, ainda temos a nossa utopia moreniana. O Psicodrama nos anima um corpo, capaz de agir e modificar as coisas para além do domínio dos discursos, coisa que a sociedade brasileira tanto necessita e eu também. Há muito a ser feito e temos recursos para isso, acredito que cada homem deve responder ao chamado de seu tempo.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Moyses. O Teatro da Anarquia: um resgate do Psicodrama. Campinas: Papirus, 1988.

COLERIDGE, Thomas. Biographia Literaria. Cap. XV. 1817 In: https://en.wikipedia.org/wiki/Suspension_of_disbelief, acessado em 18 de março de 2018. No original: “It was agreed, that my endeavours should be directed to persons and characters supernatural, or at least romantic, yet so as to transfer from our inward nature a human interest and a semblance of truth sufficient to procure for these shadows of imagination that willing **suspension of disbelief** for the moment, which constitutes **poetic faith**”.

EURIPIDES. Ifigênia em Aulis; As Fenícias; As Bacantes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LESKY, Albin. A Tragédia Grega. São Paulo: Perspectiva, 2015.

MESLIN, Michel. Fundamentos de Antropologia Religiosa: a experiência humana do divino. São Paulo: Vozes, 2014,

MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 2013.

———, Jacob Levy. Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama. Edição do Estudante. São Paulo: Daimon, 2008.

———, Jacob Levy. As Palavras do Pai. São Paulo: Editorial Psy, 1992.

———, Jacob Levy. O teatro da espontaneidade, 1892 – 1974. São Paulo: Summus, 1984.

———, Jacob Levy. Fundamentos do Psicodrama. São Paulo: Summus, 2014.

MORENO, Jacob Levy; MORENO, Zerka. Psicodrama: terapia da ação e princípios de prática. São Paulo: Daimon, 2006.

NIETZSCHE, Frederich. O Nascimento da Tragédia. São Paulo: Cia de Bolso. 2007.